



Artigos sobre Temas do Evangelho

CENTRO ESPÍRITA ISMAEL

DIVERSOS ARTIGOS SOBRE TEMAS DO EVANGELHO

(SÉRGIO BIAGI GREGÓRIO)

Ajuda-te que o Céu te Ajudará
Carregar a Cruz – Quem Quiser Salvar a Vida, Perdê-la-á
Consolador Prometido
Convidar os Pobres e os Estropiados
Coragem da fé
Cristão e o Mundo, O
Cristo e Nós
Deixai Vir a mim as Criancinhas
Desequilíbrio Mental e Reino de Deus
Desigualdade das Riquezas
Deus e Mamon
Dever
Diversão e Tristeza
Escândalos: Cortar a Mão
Fé: Mãe da Esperança e da Caridade
Fé e Incerteza
Frustração e Consolo
Injúrias e Violências
Jugo Leve
Luz e Discípulo
Melancolia
Missão do Homem Inteligente na Terra
Morte em Família
Mundos Superiores e Mundos Inferiores
Nada Reclamar
Nada sem Deus
Não Colocar a Candeia debaixo do Alqueire
Não vim Trazer a Paz mas a Espada

Obediência e Resignação
Olhos de Ver e Ouvidos de Ouvir
Orgulho e Humildade
Paciência
Página de Otimismo
Parábola dos Talentos
Paz e Espada
Penas e Gozos Terrenos
Perdão, O
Piedade, A
Persuasão e Necessidade
Prece, A
Pobre de Espírito
Prazer e Dor
Queixa e Solução
Refletores da Vontade Divina
Reino de Deus
Ressurreição e Reencarnação
Semeadores do Evangelho
Semente e o Semeador, A
Sustento e Vestimenta
Tolerância
Uma Única Coisa
Verdade e Liberdade

AJUDA-TE QUE O CÉU TE AJUDARÁ

O aforismo "Ajuda-te que o Céu te Ajudará" é semelhante ao "busca e acharás". É o princípio da lei do trabalho e da lei do progresso. É a esperança no meio das dificuldades acerbadas que a alma passa neste planeta de provas e expiações. É o consolo de uma vida melhor ante o desgaste de nosso corpo físico. É a realização da justiça divina ante as injustiças humanas.

Na Antigüidade, o homem, com sua massa muscular avantajada, só tem sensações. Ara a terra, mas seus pensamentos são ainda rudimentares acerca da vida espiritual. Com o passar do tempo, aplica a sua inteligência na construção de máquinas e utensílios que lhe garantam a sua sobrevivência. Nenhum desses esforços fica perdido. Contudo, ele precisa desenvolver o lado espiritual. É aí que a divindade envia os seus mensageiros de luz, a fim de abrir

a mente do terráqueo para as realidades do Espírito. Assim, a mediunidade surge e se desenvolve até se positivar com a vinda de Allan Kardec, no século XIX.

Diz-nos o Evangelho que a sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória. Ou seja, tudo o que semearmos de bom ou de ruim, um dia colheremos. Quer dizer, talvez não percebamos de pronto, mas cada um de nós se dá por aquilo que se troca. É que o tempo, uma lima que trabalha e não faz ruído, caminha intrépido e resoluto como o relógio durante as tempestades. Nesse sentido, embora não estejamos percebendo a ajuda nessa encarnação, tudo fica registrado no tempo e, possivelmente, numa próxima encarnação poderemos vir com os créditos desta existência.

A emergência do auxílio pode ser vislumbrado pela prática da mediunidade. No passado, os primeiros sintomas são adquiridos pelo sono, através dos sonhos. Hoje, com o desenvolvimento das idéias e a evolução moral alcançada pelo ser humano, podemos entrar amiudadamente em contato com os Espíritos superiores. Estes, através da sua sabedoria e bondade, podem comunicar-nos conhecimentos valiosos sobre a vida espiritual e revelar-nos muitos conhecimentos para estimular a nossa transformação moral.

O esforço na busca da perfeição deve ser enfatizado. Sem ele nada de concreto podemos realizar. É aí que reside a tônica dessa máxima. Primeiro temos que nos ajudar, ou seja, acionar todas as nossas potencialidades para a solução de um problema, de uma dificuldade. Depois, como que por acréscimo de misericórdia, a divindade encaminha a solução para uma direção que nem sequer estávamos imaginando.

Saibamos olhar além do pânico, da confusão, da admoestação. Uma força estranha apodera-se de nós e conseguimos vislumbrar novas luzes para a ascensão do nosso Espírito.

Julho/1996

CARREGAR A CRUZ – QUEM QUISER SALVAR A VIDA, PERDÊ-LA-Á

Cruz - do lat. *cruce* - significa antigo instrumento de suplício, constituído por dois madeiros, um atravessando no outro, em que se amarravam ou pregavam os condenados à morte. **Salvação** - do lat. *salvatione* -, ato ou efeito de salvar(-se), ou de remir, ou seja, livrar-se do perigo ou da ruína.

A cruz é um dos símbolos cuja presença é atestada desde a mais alta Antigüidade: no Egito, na China etc. **Acruz** é o terceiro dos quatro símbolos fundamentais, juntamente com o **centro**, o **círculo** e o **quadrado**. Sua função é intermediar os outros três. Mostra, também, os quatro pontos cardeais. É o elo de ligação entre a terra e o céu, o tempo e o espaço. A cruz simboliza o

Crucificado, o Cristo, que, pregado ao madeiro, representa os quatro cantos do mundo, voltados para o Salvador da humanidade.

No Novo Testamento, o simbolismo teológico da cruz só aparece em uma afirmação do próprio Jesus e nos escritos de Paulo. Jesus disse que aquele que o segue deve tomar a sua própria cruz, perdendo assim a vida para conquistá-la (Mateus, 10, vv. 38 e 39; Marcos, 8, vv. 34; Lucas, 9, vv. 23 a 25; João, cap. XII, vv. 24 e 25). Paulo pregava Cristo e Cristo crucificado, embora isso fosse escândalo para os hebreus e loucura para os gentios.

Allan Kardec, no cap. XXIV de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, tece comentários acerca de "aquele que quer me seguir, carregue sua cruz". A frase implica seguirmos os ditames de nossa fé, mesmo que para isso tenhamos de sofrer, até mesmo, a perda da própria vida. Quem assim proceder ganhará o reino dos céus. Mas àqueles que sacrificam os bens celestes preferindo os gozos terrestres Deus dirá: "Já haveis recebido a vossa recompensa".

Regozijemo-nos quando os homens, por ignorância ou má-fé, injuriarem-nos e odiarem-nos devido à sinceridade de nossa fé. Suportemos o mal, que ele é passageiro. Tenhamos em mente que as promessas do Cristo não foram vãs. Se ele morreu na cruz para nos salvar, por que esse desespero, quando algo não nos ocorre a contento?

A cruz simboliza o nosso sofrimento. Saibamos carregá-la, afrontando, corajosamente, as dificuldades, as ansiedades e o comodismo que tanto nos atrapalham.

Agosto/1999

CONSOLADOR PROMETIDO

Consolar – do lat. *Consolare* – significa aliviar ou suavizar a aflição, o sofrimento, o padecimento; dar lenitivo a, mitigar, confortar. **Prometer** – Do lat. *promittere*, "atirar longe", obrigar-se verbalmente ou por escrito a (fazer ou dar alguma coisa); comprometer-se a; pressagiar, anunciar, dar esperança.

"Se vós me amais, guardai meus mandamentos; e eu pedirei a meu Pai, e ele vos enviará um outro Consolador, a fim de que permaneça eternamente convosco: o Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê e não o conhece. Mas quanto a vós, vós o conhecereis, porque permanecerá convosco e estará em vós. Mas o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo aquilo que eu vos tenho dito". (São João, cap. XIV, vv. 15 a 17 e 26).

Jesus, personificador da segunda revelação divina, abriu caminho para o advento do Espiritismo. O início do cristianismo, ou seja, a propagação dos ensinamentos de Cristo, foi caracterizado pelo clima de opressão em que viviam os

judeus. Todos estavam esperando o Salvador. Este chega numa manjedoura e educa-se junto à carpintaria. Jesus falava por parábolas, isto é, colocava um véu sobre certos aspectos da vida espiritual. Contudo, prometeu o "Consolador".

Espiritismo vem, no tempo marcado, cumprir a promessa do Cristo: o Espírito de Verdade preside a sua instituição, chama os homens à observância da lei e ensina todas as coisas em fazendo compreender o que foi dito por Cristo através das parábolas. O Espiritismo vem abrir os nossos olhos e ouvidos, porque fala sem figuras e sem alegorias; ele ergue o véu deixado propositadamente sobre certos mistérios. Vem, por fim, trazer uma suprema consolação aos que sofrem, dando uma causa justa e um fim útil a todas as dores.

O Consolador veio para consolar. Nesse sentido, os espíritas devem preparar-se para serem os fiéis intérpretes dos Benfeitores Espirituais. Renunciar ao ponto de vista pessoal e eliminar preconceitos auxiliam sobremaneira. Ainda: o espírita deve estar sempre estudando o conteúdo doutrinário, a fim de que possa penetrar nos meandros da alma alheia e fornecer-lhe o alimento espiritual de que necessita.

Sejamos o sal da terra. Que a nossa palavra possa sempre ser um refrigerio para as almas que nos procuram.

Setembro/1997

CONVIDAR POBRES E OS ESTROPIADOS

Pobre – do lat. *paupere* – significa aquele que não tem o necessário à vida; cujas posses são inferiores à sua posição ou condição social. **Estropiado** – do italiano *stroppiare*, através do espanhol *estropear* –, aleijado, mutilado.

São Lucas, no cap. XIV, vv. 12 a 15 do seu Evangelho, retrata "os pobres e os estropiados" nos seguintes termos: "... quando deres um jantar ou uma ceia, não convides os teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem teus vizinhos ricos; para não suceder que eles, por sua vez, te convidem e sejas recompensado. Antes, ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás bem-aventurado, pelo fato de não terem eles com que recompensar-te; a tua recompensa, porém, tu a receberás na ressurreição dos justos".

A transmissão do conhecimento na época de Jesus era feita através de parábolas, ou seja, expressava-se um dado conteúdo tendo-se em mente o seu sentido alegórico. Além disso, para que possamos entender o alcance das palavras de Jesus, devemos valer-nos da dimensão cultural do povo judeu. Este era dominado pelos romanos, que ostentavam poder e erudição, desprezando os menos afortunados da sorte. É contra essas injustiças que Jesus endereçava a maioria de suas palavras.

Allan Kardec, no cap. XIII de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, esclarece-nos o sentido alegórico contido no texto evangélico. Diz-nos que o fundo do pensamento está em considerar os pobres e os estropiados como aquelas pessoas que não poderão retribuir, ou seja, devemos fazer o bem pelo bem, sem outra expectativa de recompensa. Ainda: explica-nos que por **festins** devemos entender, não o repasto propriamente dito, mas a participação na abundância de que desfrutamos.

"Os pobres e os estropiados", na concepção bíblica, exorta-nos à reflexão. Até que ponto estamos dando atenção aos poderosos, aos bem-ajustados na sociedade, em detrimento dos mais necessitados? Dessa forma, parece-nos que a tônica desse ensinamento é que saibamos renunciar ao nosso comodismo, a fim de auxiliar aos mais carentes, pondo em prática a máxima: "não são os sãos os que precisam de médico, mas os enfermos".

Façamos o bem pelo bem. Essa é a única fórmula capaz de dar-nos tranquilidade neste mundo de provas e de expiações em que vivemos.

Setembro/1999

CORAGEM DA FÉ

"Todo aquele que me confessar e me reconhecer diante dos homens, eu o reconhecerei e confessarei também, eu mesmo, diante do meu Pai que está nos céus; e todo aquele que me renegar diante dos homens, eu o renegarei também, eu mesmo, diante do meu Pai que está nos céus". (Mateus, 10, 32 e 33)

Uma vez consolidada a fé nos dizeres do Evangelho, o discípulo sincero deve atender ao chamamento do seu coração, seguir as determinações da sua consciência e enfrentar as adversidades da vida. Há oportunidade que surge apenas uma vez; saibamos aproveitá-la, refulgindo a nossa luz diante dos homens. A luz, invariavelmente, sofre o assédio das sombras. Não temamos, pois nenhuma idéia nova foi até agora implantada sem lutas, sem esforço. Observe a vida dos grandes homens. Quantos deles não morreram em fogueiras?

Recuar, justamente no momento em que fomos chamados a exemplificar o Mestre Jesus, é uma covardia sem tamanho. Para tanto, busquemos forças no âmago de nosso ser. Caso nos sintamos fracos para tal empreendimento, peçamos o auxílio dos benfeitores espirituais. Eles estão sempre prontos a nos ajudar. Lembremo-nos de que "aqueles que tiverem medo de ser confessar discípulos da verdade não são dignos de serem admitidos no reino da verdade". Assim, convém anular a nossa personalidade, o nosso ego, a fim de que o "eu divino", o "eu cósmico" sobressaia e interpenetre tudo o que for de nosso usufruto.

A coragem da fé implica em carregar a cruz, nem mais leve e nem mais pesada. Carregar a cruz é sofrer os reveses de uma sorte adversa. Assim, quando estivermos sendo massacrados pelos nossos adversários, quando falarem mal do nosso nome, quando nos ofenderem, regozijemo-nos, pois, o mal que nos fizerem reverterá em nosso benefício. Esta foi a tônica das ações dos discípulos ao longo do tempo. Por que hoje seria diferente? Convém, para o nosso próprio bem, aceitarmo-nos tais quais somos, atendendo de bom grado as imposições do mestre a nosso respeito.

Enfrentemos corajosamente as tribulações que nossa fé acarretar. Nada de pusilanimidade no momento em que Jesus estiver nos chamando para a salvação; a admissão no reino da verdade exige a perda da própria vida. Nesse mister, coloquemos tudo nas mãos de Deus, renunciando aos nossos gostos, à nossa comodidade e à nossa preguiça. Calemos as discórdias, sofram os incompreensões e esperemos onde todos desesperam. Suportar a nossa sina é vencê-la.

Por maiores as dificuldades que a vida se nos impõe, prossigamos no firme propósito de levar aos semelhantes uma parcela do muito que estamos recebendo da Bondade Divina.

Agosto/2000

O CRISTÃO E O MUNDO

Mundo significa orbe terrestre. Por extensão, qualquer orbe habitado. Contudo, essa palavra denota uma ambigüidade. Observe que, além deste sentido específico, ela assume também outros, como a representação de grupos, idades e estado interior. Às vezes falamos de mundo interior; outras, de mundo exterior. Quando nos referimos à antiguidade, dizemos o mundo grego, o mundo romano, o mundo chinês. O mundo dos artistas, o mundo dos animais e o mundo novo são outras tantas acepções.

Jesus Cristo foi o responsável pela Segunda Revelação da Lei de Deus. Ele nasceu no marco zero de nossa era e viveu até os 33 anos. Há, contudo, controvérsia. Em suas peregrinações pela Galiléia e Jerusalém, deixou-nos um código de conduta moral muito valioso. Não só disse, mas exemplificou. Jesus, em suas prédicas, coloca os cristãos na mesma situação em que esteve, quando da sua passagem nesta Terra. Eles não são do mundo e contudo eles estão no mundo e Jesus não pede a seu pai que os tire do mundo mas apenas que os guarde do Malvado.

O cristão é adepto de Cristo, não o Cristo dos vigários, mas o do próprio Cristo. Quer dizer, para nos dizermos cristãos, devemos nos aprofundar nos ensinamentos deixados por Cristo, que são o alicerce de toda a sua doutrina. Esses ensinamentos, anotados pelos evangelistas Marcos, Mateus, Lucas e

João, estão contidos no Novo Testamento. É aí que devemos buscar o ensinamento moral do Mestre. Querer moldar a moral segundo o nosso preconceito é um dos maiores erros que podemos cometer.

Quando estamos fazendo o que os outros fazem, ou seja, estagnados na vida espiritual, ninguém se preocupa conosco. Contudo, quando nos predispomos a alçar o vôo do Espírito, buscando informações, freqüentando um Centro Espírita, procurando a melhoria interior, os outros começam a nos observar, fazendo cobranças acerca do nosso comportamento. Acontece que a opinião do mundo nem sempre é útil, porque muitas vezes os outros exigem o grão de milho quando ainda somos ervas em crescimento.

Cristo veio para testemunhar a verdade. O mesmo deve fazer o cristão moderno. Os espíritas, para testemunhar o Pai, têm uma vantagem muito especial, ou seja, os conhecimentos veiculados pelos Espíritos de luz. Eles são os vanguardeiros do exemplo, e estão sempre nos secundando o trabalho, sem que para isso precisam estar tocando a trombeta. Eles nos orientam, também, que em qualquer dificuldade recorramos à prece e à vigilância.

Não peçamos a eliminação da dificuldade, mas, sim, forças para suplantá-la com paciência, resignação e muito amor no coração.

Dezembro/2005

CRISTO E NÓS

Seguir os ensinamentos de Cristo nunca foi, não é e nunca será tarefa fácil. Os seus verdadeiros adeptos têm de passar por tolos, imbecis e loucos. Por que? Porque a maioria das pessoas está mais voltada para os interesses materiais do que para os espirituais. Geralmente aplicam a filosofia do "*do ut des*" ("dou para que dê"), isto é, acham que tudo se baseia numa troca lucrativa. Aquele que negligencia a facilidade financeira, o poder e o conforto é tido como inadaptado, fora dos parâmetros normais da sociedade de consumo.

Cristo alertou-nos sobre a bondade. Em sua prática, porém, surge-nos um mal-estar: somos sempre enganados pelos mais astutos. Este é um dos grandes espinhos na vida daqueles que querem exemplificar os ensinamentos de Jesus. Uma comparação auxiliará o nosso entendimento a respeito. Observe que foi a bondade e não a crueldade do Mestre que propiciou a traição de Judas. Se Cristo tivesse agido como Moisés, Judas não teria a oportunidade de cometer tal ato, pois seria morto antes de realizá-lo. Mas, em se deixando trair, enalteceu esta nobre virtude: tanto um quanto o outro foi útil no processo.

Os ensinamentos de Jesus são **universais** e estão espalhados no cosmo. Muitos pensadores utilizam-se da *inspiração* (mediunidade) para captá-los. Pietro Ubaldi, por exemplo, enaltece a mediunidade consciente, aquela em que o inspirado busca a essência do pensamento dos Espíritos Superiores. Não a

coloca como simples passividade, em que o médium fica simplesmente esperando qualquer Espírito vir e dar a sua comunicação. Acha ele que deve haver sempre um esforço de evolução, ou seja, a procura incessante de conhecimentos mais elevados.

O Evangelho deixado por Jesus dá margens a **diversas interpretações**. Geralmente olhamos o mundo segundo a nossa ótica interior, fruto dos automatismos do passado. O que isso tem a ver com o seguir as pegadas do Mestre? É que não mudamos com facilidade. Quem não tiver o espírito do Cristo, poderá dizer que o segue, mas o segue a seu modo, ou seja, agindo de acordo com o seu caráter e personalidade, construídos ao longo das diversas encarnações. Por isso a frase: "Nem todos os que dizem Senhor, Senhor entrarão no Reino de Deus, mas somente aqueles que fizerem a vontade do meu Pai que está no Céu".

No âmbito do conhecimento adquirido, deve-se enaltecer a **obra e não o autor**. *Não quem, mas o que*, ou seja, o autor passa, mas a Obra permanece. Num livro psicografado há, sem dúvida, o trabalho do médium, mas o conhecimento que daí advém não é criação sua, mas pertence à fonte pura, morada dos Espíritos superiores. Por isso, destacar a obra, ou mesmo o Espírito que a ditou, vale mais do que se ufanar pelo trabalho realizado. O médium ou o inspirado deve sempre se colocar como um simples intermediário.

Sigamos a Boa Nova do Mestre. Embora as circunstâncias nos mostrem um caminho sombrio, tenhamos confiança em Deus e enfrentemos os desafios que nos são colocados como provas, expiações ou missões.

Março/2003

DEIXAR VIR A MIM AS CRIANCINHAS

Criança – do lat. *Creantis* – significa ser humano de pouca idade, menino ou menina; párvulo; pessoa ingênua, infantil. **Reino** – Do lat. *regnu*, significa monarquia governada por um rei; conjunto de seres ou de coisas que tem caracteres semelhantes ou comuns. **Reino de Deus** – Governo pela observância das leis divinas gravadas em nossa consciência.

"Apresentaram-lhe, então, criancinhas, a fim de que ele as tocasse; e como seus discípulos afastassem com palavras rudes aqueles que as apresentavam, Jesus vendo isso zangou-se e lhes disse: "Deixai vir a mim as criancinhas e não as impeçais; porque o reino dos céus é para aqueles que se lhes assemelham. Eu vos digo, em verdade, todo aquele que não receber o reino de Deus como uma criança, nele não entrará". E as tendo abraçado, as abençoou, impondo-lhes as mãos". (Marcos, cap. X, vv. 13 a 16).

O Espírito é sempre Espírito. Ele passa pela fase infantil, mas continua sendo Espírito, ou seja: traz dentro de si as boas ou más qualidades de outras vidas. A infância é um tempo de repouso para o Espírito. Não podendo manifestar as suas tendências, principalmente as más, em virtude da debilidade do corpo físico, este período torna-o acessível aos conselhos daqueles que devem fazê-lo progredir. É então que se pode reformar o seu caráter e reprimir as suas más tendências.

O reino de Deus é para aqueles que se assemelham às crianças. Jesus não disse que o reino dos céus é para as crianças, porque sabia que o Espírito que nela habita não é um Espírito puro, porém, um ser que, momentaneamente, não pode manifestar as suas tendências. Além disso, há, também, o esquecimento do passado, que ajuda o Espírito a expressar-se espontaneamente. Geralmente a criança age sem malícia e sem segundas intenções.

A criança é um símbolo de pureza de coração. Significa dizer que a entrada no reino de Deus é decorrente da simplicidade e da humildade do Espírito. Nesse sentido, os estados de fraqueza, as ações ingênuas e as atitudes de obediência auxiliam-nos a percebermos eficazmente a percepção das leis naturais. O reino de Deus não vem com aparências **externas**, ele é fruto de um árduo trabalho de reformulação interior.

Aprendamos com a criança. A sua espontaneidade ensina-nos que a humildade, a simplicidade e a pureza de coração são sumamente indispensáveis à nossa evolução espiritual.

Março/1999

DESEQUILÍBRIO MENTAL E REINO DE DEUS

O **desequilíbrio mental**, excluindo-se as concepções neurológicas e psicológicas, significa o excesso de atitudes voltadas para o mal ao invés daquelas voltadas para o bem. **Reino de Deus** significa o estado de felicidade proporcional ao grau de perfeição adquirida. Em outras palavras, o desequilíbrio mental afasta-nos da perfeição, enquanto a prática do bem e da virtude aproxima-nos dela.

As **causas do desequilíbrio mental** estão centradas no excesso de egoísmo, de vaidade, de ódio, de ganância etc. Em proporção normal são necessários, pois sem estes o mundo não andaria com a velocidade que anda. Observe, por exemplo, a desonestidade. Podemos eventualmente cometer atos desonestos, mas se não formos honestos por princípio, estaremos sempre em débito para com a Lei Natural, que a seu tempo, nos punirá por tal procedimento. É a lei de causa e efeito funcionando com toda a sua energia.

De acordo com o psiquiatra C. G. Jung, os seus pacientes, acima de 35 anos, adoeceram porque perderam a seiva que as religiões têm dado aos seus fiéis

em todos os tempos, e nenhum deles se curou, sem ter recuperado sua atitude religiosa, o que evidentemente nada tem a ver com os credos particulares ou filiação a uma Igreja. Nota-se, claramente, através desse relato científico, que a obtenção do equilíbrio mental deve-se muito à crença em um Deus todo poderoso e todo bondade.

O Desequilíbrio mental opõe-se ao Reino de Deus. Se a noção de Reino de Deus é a busca da perfeição, da felicidade, do altruísmo, ou seja, da realização da obra divina em nossos corações, logo todo o desequilíbrio mental é, por sua própria natureza, contrário a este conceito. Isso não quer dizer que toda a pessoa desequilibrada esteja impossibilitada de alcançar o Reino de Deus. Se o próprio mestre Jesus disse que Reino de Deus está dentro de nós, o que precisamos é edificá-lo em nós mesmos, dia após dia.

A edificação do Reino de Deus equivale à conquista do equilíbrio mental. Por que? Vejamos: quando confiamos em Deus, somos mais calmos, mais tranquilos, mais resignados frente aos diversos problemas que se nos apresentam. Em meio a uma catástrofe, somos o primeiro a repetir a frase: "Pensa em Deus primeiro". Diante do ódio dos adversários, dizemos: "Se Deus é por nós, quem será contra nós". Na falta do necessário, lembramos: "Se Deus alimenta os pássaros, o que não faria por nós?" Todas essas atitudes concorrem radicalmente para o equilíbrio mental.

Estejamos cômnicos de nossos estados mentais. Se em desequilíbrio, saibamos acionar as alavancas da motivação, da força de vontade e da oração, a fim de que possamos alcançar a paz e a harmonia do nosso Espírito imortal.

Fonte de Consulta

COSENDEY, E. B. *Vaccine-se Contra a Loucura*. 5. ed., São Paulo, Edicel, 1980.

Fevereiro/2001

DESIGUALDADE DAS RIQUEZAS

Riqueza – de "*rico*", que vem da raiz gótica "*riks*", poderoso. O termo refere-se a uma afluência de bens que permite a satisfação não só das necessidades básicas, mas também das exigências do conforto e do luxo. Pode-se falar em riqueza pessoal, riqueza

nacional e riqueza mundial.

Por que há ricos e pobres? É uma questão em que os pensadores da humanidade ainda não chegaram a um consenso. Aventam-se uma série de hipóteses, como a posição geográfica de alguns países, a existência de

recursos naturais próprios, o grau cultural de seus habitantes etc. Mas por que nos países ricos há uma quantidade considerável de pobres? A riqueza por eles produzida não poderia ser melhor distribuída? Onde buscar a explicação para esses fatos?

Allan Kardec, no cap. XVI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, oferece-nos alguns subsídios para a compreensão do problema. Reencarnação, livre-arbítrio e justiça divina são os tópicos fundamentais a serem considerados. Através da reencarnação, entendemos que o Espírito, sendo imortal, necessita das experiências da riqueza e da pobreza para a sua evolução espiritual; pelo uso do livre-arbítrio é responsável pelos seus atos; pela determinação do Direito Divino, sofre as conseqüências de suas escolhas. Nesse sentido, a pobreza pode ser, também, uma expiação com relação ao uso indevido da riqueza, numa encarnação passada.

Como dissemos, o Espírito necessita das provas da riqueza e da pobreza. A riqueza serve para o exercício da caridade e da abnegação; a pobreza, para o da paciência e resignação. Dentro desse enfoque, cada Espírito vai trabalhar a seu turno, segundo o gênero de provas que tenha escolhido. Nenhum trabalho ficará por fazer e todos nós auxiliar-nos-emos mutuamente.

Cada Espírito, fazendo o que lhe compete, encontrará a felicidade dentro dos limites de sua escolha. O bem-estar, sendo relativo, poderá ser patrimônio de toda a humanidade. Isso porque uns contentam-se em dormir ao relento, enquanto outros precisam de um palacete. Importa, muito mais, respeitarmos o livre-arbítrio de nosso próximo do que construirmos teorias sem bases espiritualmente sólidas.

Produzamos o máximo possível dentro de nossas limitações. Não queiramos invejar o rico nem desdenhar o pobre. Peçamos, sim, luzes ao Alto para compreendermos as leis naturais espalhadas pelo Cosmo.

Janeiro/1996

DEUS E MAMON

Deus – do lat. *Deus*, pelo gr. *Theos* – é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas. **Mamon** - do lat. tardio *mammona* ou *mammonas* - significa dinheiro, riqueza, propriedades. Deriva de **Mamon**, Deus das riquezas da mitologia Síria e fenícia.

São Lucas, no cap. XVI, v. 13 do seu Evangelho, narra a passagem em que Jesus condena a riqueza nos seguintes termos: "Ninguém pode servir a dois senhores; porque, ou odiará a um e amará ao outro, ou se afeiçoará a um e

desprezará o outro. Não podeis servir, ao mesmo tempo, a Deus e a Mamom". Como há inúmeros textos evangélicos condenando a riqueza, tem-se a impressão de que o Cristianismo subestima a dimensão econômica do homem.

A Bíblia do Velho Testamento, por exemplo, faz uma apologia positiva da riqueza, dizendo que ela é aspiração humana e bênção divina. Já a Bíblia do Novo Testamento, principalmente com Jesus, abomina-a. Para compreendermos a mudança no eixo com relação à riqueza, convém raciocinarmos em termos dos elementos culturais da época de Jesus. No começo da era cristã, os romanos detinham o poder e abusavam de suas posses materiais. É nesse sentido que Jesus condena a riqueza, ou seja, sua má utilização, não a sua posse.

O homem tem anseio natural à aquisição de bens materiais. Deles provém a sua subsistência vital. Como é vital, acaba enfatizando-a, em detrimento dos bens espirituais. Observe os esforços infrutíferos do marxismo com relação ao fim da desigualdade dos bens possuídos e do direito de propriedade privada. A distribuição justa da riqueza é muito mais uma questão de reformulação interior do que de proibições estatais.

Allan Kardec, no cap. XVI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, traça-nos um roteiro seguro quanto ao uso da riqueza. Diz-nos que a riqueza é uma prova mais difícil do que a pobreza. Orienta-nos para aplicá-la na caridade, não a que estiola o necessitado, mas a que o ergue até o Pai Celestial. Enfim, mostra-nos que a verdadeira propriedade é a soma dos conhecimentos e qualidades morais armazenada em cada um de nós.

Optemos por servir a Deus. Somente assim ficaremos livres do jugo do Mamom, ou seja, da obsessão pela riqueza material.

Julho/1996

DEVER

Dever - do lat. *devere* significa a obrigação moral determinada, expressa numa regra de ação. É o princípio da ação e estriba-se na razão.

A **consciência moral** é a determinante de nossas ações. Pode ser entendida como a capacidade que temos de escolher o nosso caminho na vida. Num sentido mais amplo e profundo, a **consciência moral** é a opção entre o bem e o mal. Embora as noções de bem e de mal sejam absolutas, cada um de nós age de conformidade com a percepção relativa de que foi capaz de absorver. Contudo, leva-se em conta, ainda, os usos e costumes de cada povo.

A **consciência moral** liga-se ao **livre-arbítrio** e este ao **dever**. O **Dever**, que é o exercício do livre-arbítrio, começa no ponto em que ameaçamos a liberdade do próximo e termina no limite em que não gostaríamos de ver ultrapassado com relação a nós mesmos. O cumprimento do dever depende das circunstâncias, ou seja, implica em contrariar e ser contrariado. Por isso, ao

estarmos livres para escolher esta ou aquela ação, tornamo-nos responsáveis pelo que praticamos.

O sentimento de dever pode ser obscurecido pelo sentimento da paixão. A paixão é útil quando é governada e prejudicial quando governa. Muitas vezes, o dever se acha em antagonismo com as seduções do interesse próprio. Nessas circunstâncias, a vontade deve ser acionada, a fim de estabelecermos limites das referidas seduções. Posteriormente, habituando-nos a atuar segundo o interesse geral, diminuiremos os impulsos da paixão e solidificaremos os ímpetos do verdadeiro dever.

O cumprimento do dever está entremeado de contradições. A confiança em Deus e em nós próprios muito nos auxiliarão na suplantação de todas as nossas dificuldades. À medida que vamos atuando, percebemos que aquilo que no passado era temível e considerado impossível hoje fazemos com muita facilidade. É que a dificuldade criou o seu antídoto, liberando forças para enfrentarmos dificuldades maiores.

Hajamos sempre de acordo com o interesse geral. Esta ação, várias vezes repetida, amplia-nos a visão de mundo, colocando-nos no devido lugar para o cumprimento de nossos deveres.

Agosto/1999

DIVERSÃO E TRISTEZA

Somos, em nosso dia-a-dia, levados a escolher algumas diversões para compensar o suposto desgaste de energia, em virtude do trabalho braçal ou mental. Optando pelo cinema, deparamo-nos com diversas cenas de morte e de violência; assistindo à telenovela, chafurdamo-nos nas imagens de traição, sexo, maldade e outras. De sorte que o resultado pode ser o contrário do que esperávamos, pois podemos acrescentar mais estresse ao invés de relaxamento.

Lembre-mo-nos de que nunca somos espectadores passivos. Quer seja verdadeira ou não, a imagem jogada em nosso cérebro tem repercussão em nossos estados emocionais. O cérebro não é capaz de distinguir uma imagem verdadeira de uma falsa. Ele simplesmente produz substâncias químicas para lidar com as situações estressantes. Havendo excesso dessas imagens, ele não terá condições de se defender adequadamente, passando essas sensações para o nosso estado emocional. À vezes ficamos tristes, sem razão aparente, e não percebemos que advém desses excessos.

Nesse estado de desequilíbrio emocional, os Espíritos menos felizes aproveitam-se dessas brechas e nos influenciam negativamente, aumentando as sensações de derrotismo e de mau êxito. Quantas não são as vezes que

nos perpassam um frio na barriga, um medo sem nexo e uma sensação doentia. O pensamento sombrio, uma vez iniciado, vai se fortificando, como uma bola de neve. Por isso, é preciso tomar consciência da situação e dar um basta. Se o deixarmos avançar, a ruptura futura pode ser bem mais difícil.

A conscientização deste estado mental sugere-nos dois tipos de atitude: 1) pedir auxílio aos benfeitores espirituais; 2) fazer esforço de mudar o foco da atenção. No caso específico das diversões, podemos substituí-las por uma leitura balsamizante, um passeio em contato com a natureza e uma visita cordial. Caso não resolva o nosso problema, tentemos alguma atividade física, como por exemplo, a jardinagem. A Psicologia descobriu que as pessoas deprimidas olham muito para baixo. Por que não nos exercitarmos, de vez em quando, olhar para o alto?

O caminho da evolução requer a vigília constante de nossos pensamentos e ações. Deixarmo-nos levar pelo comodismo das circunstâncias é fácil; o difícil é enfrentar o ridículo dos homens e as contrariedades de nossa existência. Saibamos criar a nossa química mental de felicidade, a fim de que possamos estar bem, independente dos estímulos externos. Se formos colocados numa situação estressante, tomemos consciência dela; depois, removamos tudo o que possa atrapalhar a execução de nosso projeto de vida.

Nada nos é proibido. Contudo, saibamos proibir aquilo que possa atrapalhar o nosso equilíbrio psicofísicoespiritual.

Fevereiro/2004

ESCÂNDALOS: CORTAR AS MÃOS

Escândalo – do gr. *skándalon*, pelo lat. *scandalu* – significa aquilo que dá o que falar, que causa indignação por ser contrário à moral, à honestidade, aos bons costumes, à justiça, às leis etc. No sentido espiritual e moral, é todo o obstáculo que, com sua conduta, uma pessoa pode representar para a vida ou a moralidade de outras pessoas.

"Se vossa mão ou vosso pé é um motivo de escândalo, cortai-os e atirai-os longe de vós; é bem melhor para vós que entreis na vida não tendo senão um pé ou uma só mão, do que terdes dois e serdes lançados no fogo eterno. E se vosso olho vos é motivo de escândalo, arrancai-o e lançai-o longe de vós; é melhor para vós que entreis na vida não tendo senão um olho, que terdes os dois e serdes precipitados no fogo do inferno". (Mateus. cap. V, vv. 29 e 30).

A palavra escândalo encerra, no Novo Testamento, um duplo sentido: de um lado, a idéia de que Cristo veio para constituir o escândalo central do homem; de outro lado, a idéia do mal moral que existe em nós e que é preciso desfazer. Quanto ao Cristo, toda a vez que ele apresentava o desprendimento das riquezas e dos bens terrenos, era um escândalo para o povo romano, apegado

a tais bens. Quanto a nós, é a necessidade do mal (escândalo) para que nos ajustemos ao bem.

É necessário que o escândalo venha, mas aí daquele por quem o escândalo venha. Por estas palavras, entende-se que o mal é necessário à justiça divina. Contudo, aquele que o praticou para servir à justiça divina não praticou menos mal, e deverá ser punido, pois o mal é sempre mal. Por isso, o cuidado de Jesus em dizer: "Se vossa mão, vosso pé e vossos olhos forem motivos de escândalo (mal), cortai-os e lançai-os longe de vós". Quer dizer, arranquemos o mal pela raiz, pois ele está dentro de nós.

O mal, sendo necessário à justiça divina, dir-se-á que ele durará para sempre, pois, se desaparecesse, Deus estaria privado de um poderoso meio de punir os culpados. Mas, em realidade, não é assim que sucede, porque os mundos progridem moral e intelectualmente. Nos mundos mais avançados, o mal não existe e, portanto, não há necessidade de castigos. O mesmo sucederá com o planeta Terra, quando passar para um mundo de regeneração, em que o bem será a tônica de nossas ações.

Estudemos o Evangelho de Jesus e coloquemos em prática os seus ensinamentos. Tendo-o como norma de conduta, evitaremos o escândalo do "pecado" e da "concupiscência".

Abril/1996

FÉ: MÃE DA ESPERANÇA E DA CARIDADE

Fé – do lat. *fide* - significa adesão e anuência pessoal a Deus, a seus desígnios e manifestações; firmeza na execução de sua promessa ou compromisso. **Esperança** – do lat. *sperantia*, do verbo *sperare* –, ato de esperar o que se deseja; aquilo que se espera ou deseja. **Caridade** – do lat. *caritate* - é o amor que move a vontade à busca efetiva do bem de outrem, identificando-se com o amor de Deus.

A fé é um sentimento inato no indivíduo. A direção dada a esse sentimento pode ser cega ou raciocinada. **Afé cega**, não examinando nada, aceita sem controle o falso como verdadeiro, e se choca, a cada passo, contra a evidência e a razão; levada ao excesso produz o **fanatismo**. A **fé raciocinada**, a que se apoia sobre os fatos e a lógica, não deixa atrás de si nenhuma obscuridade; crê-se porque houve consentimento da razão.

Há virtudes cardeais e virtudes teologais. As virtudes cardeais compreendem a **justiça**, a **prudência**, **atemperança** e a **fortaleza**. As virtudes teologais, ou seja, aquelas em que há os dons infusos por Deus, são representadas pela **fé** pela **esperança** e pela **caridade**. Dentre as virtudes teologais, a fé ocupa lugar de destaque, pois dá embasamento à esperança e à caridade. A caridade, por sua vez, é a mais perfeita, porque pode ser praticada, indistintamente, por todas as classes sociais.

A fé, mãe da esperança e da caridade, é filha do sentimento e da razão. Quer dizer, a fé, ao ser movida pelo livre-arbítrio, tem o suporte do sentimento e da razão, que lhe dão garantia de obter o esperado, desde que aja caritativamente. Nesse sentido, o Espírito Emmanuel diz-nos: "A fé é guardar no coração a certeza iluminada de Deus, com todos os valores da razão tocados pelo perfume do sentimento".

A esperança e a caridade, como vimos, são filhas da fé. Esta deve velar pelas filhas que tem. Para isso, convém construir a base do edifício em fundações sólidas. A nossa fé tem de ser mais forte do que os sofismas e as zombarias dos incrédulos, porque a fé que não afronta o ridículo dos homens não é a verdadeira fé. Além disso, para que a fé seja proveitosa, deve ser ativa, ou seja, não deve-se entorpecer.

A esperança é fruto da crença em Deus. Pratiquemos, pois, a caridade no presente, a fim de tornarmos certo o futuro incerto.

Abril/1996

FÉ E INCERTEZA

Nosso pensamento fica conturbado em virtude das muitas desilusões e tribulações do caminho: é a demora pela vinda de um emprego, são os projetos que não se concretizam, é a falta de dinheiro para a compra do essencial etc. Diante de tantas pressões externas, nosso espírito prostra-se, como que sem forças para perseverar pelo caminho escolhido. Paramos, pensamos e pedimos ardorosamente algumas recompensas de ordem material.

Nessa agonia interior há uma ponderação entre a escolha espiritual e a escolha material. A dificuldade está em conciliar tanto uma escolha quanto a outra. A falta de dinheiro faz com que haja menos alimento, menos conforto e, além de tudo, ocasiona o sentimento de culpa por usufruir dos bens da sociedade sem a ela contribuir com o seu trabalho. Contudo, se a situação é essa devemos a ela nos conformar. Quem sabe não estamos sendo preparados para outros campos de interesse?

Não queiramos que as coisas sejam como as desejamos. Desejamo-la como são. Se a situação apresenta-se desse e não de outro modo é porque assim tem de ser. Tomemos consciência do fato e não reclamemos. A reclamação não encurta a estrada a percorrer; quando muito dificulta a ajuda que está vindo. É preciso fazer o melhor no dia de hoje. Se a divindade assim determinou não seremos nós, simples mortais, que iremos modificar o teor da prova.

A dificuldade maior na questão da fé é esperar algo que é incerto. Temos a intuição de que este é o caminho, mas a demora na obtenção do necessário

incrusta-nos o desespero. A intuição afirma que devemos perseverar, contudo a espera é difícil. De qualquer forma, temos de continuar pois, desistir no meio do combate, é ficar sem ponto de apoio e sem perspectiva de um futuro mais promissor.

A fé é o nosso grande sustentáculo. Que seria de nossa incerteza, de nossas tribulações sem esse ponto de apoio para sermos reconfortados? Aquele que tem fé vigorosa aceita de bom grado qualquer extremo, pois, embora esteja no meio da incerteza momentânea, espera que o tempo, o grande arquiteto do universo, possa oferecer as oportunidades para que os seus ideais sejam concretizados.

Não nos esmoreçamos ante a dor do caminho. Se Deus é por nós quem será contra nós? Perseveremos um pouco mais. Quem sabe se naquele momento em que nos achamos abatidos e desiludidos não seria o momento oportuno em que a divindade escolheu para a mudança de nossa rota na vida?

Outubro/1998

FRUSTRAÇÃO E CONSOLO

Frustração – do lat. *frustratio* que vem do advérbio *frustra* (em vão, de balde). Ação de impedir que um ser atinja o objetivo ao que tende pela sua própria dinâmica. Estado em que se encontra o organismo quando depara com um obstáculo mais ou menos importante no caminho que o leva à realização completa de um comportamento. É o choque entre o desejo e a realidade imutável. **Consolar** – do lat. *consolare* – significa aliviar ou suavizar a aflição, o sofrimento, o padecimento; dar lenitivo a, mitigar, confortar.

A **criança** passa naturalmente por diversas frustrações necessárias à sua educação: desmame, aprendizagem de limpeza, interdições diversas. No **adulto**, as frustrações mais sentidas são as de ordem afetiva: decepções sentimentais, perda de entes queridos e desprezo. Há também as frustrações de ordem material, ou seja, o barulho do vizinho, os gritos das crianças etc. Uma **tendência frustrada** nunca perde o seu dinamismo: cabe-nos, como seres humanos racionais, saber administrá-la no sentido de evitar a boêmia e estimular uma vida voltada para a interioridade religiosa.

A **impopularidade** é uma forma de frustração. Sócrates, o filósofo da maiêutica, trouxe-nos subsídios valiosos para enfrentar tal desconforto, pois mesmo sendo condenado à morte pelo júri da Grécia – possuidor da verdade –, soube manter a serenidade do espírito e a independência do seu pensamento. O Espírito Emmanuel, um dos divulgadores da doutrina cristã, alerta-nos que a *iluminação de uma alma* vale mais do que os diversos postos de destaque conquistados na vida pública. A política está sempre impregnada de interesses materiais de toda a ordem.

A **falta de dinheiro** é motivo de frustração para muitos viventes. Epicuro defendia a seguinte tese: se tivermos dinheiro e não tivermos amigos, liberdade e uma vida baseada na reflexão, jamais seremos verdadeiramente felizes. E, se tivermos tudo, com exceção do dinheiro, jamais seremos infelizes. Isso mostra que o dinheiro ajuda a felicidade, mas não é o ponto fundamental. No âmbito da Doutrina Espírita, os amigos espirituais estão sempre nos alertando que as provações da riqueza são sempre mais difíceis do que as da pobreza. Além disso, deveremos prestar contas tanto do poder como do dinheiro colocados em nossas mãos.

As inadequações culturais, sexuais e intelectuais são outras fontes de frustração. Montaigne, em suas viagens pelo mundo, alerta-nos para o principal entrave ao bom entendimento do comportamento dos outros povos: a incapacidade de cada pessoa colocar-se no lugar da outra. A Doutrina Espírita explica-nos que as pessoas do mundo todo, ao se associarem em climas diferentes, formaram os seus usos e costumes próprios, e seria impossível formarem uma só nação. Por isso, salienta a necessidade de termos para com todos os indivíduos o máximo de respeito e consideração no que tange ao seu modo de pensar e de agir.

Tenhamos confiança na Divina Providência. Por maior que seja o problema, os amigos espirituais nos oferecem auxílio não só pelas mensagens escritas, como também pelas inspirações que nos confortam sutilmente o pensamento.

Fonte de Consulta

DE BOTTON, A. *As Consolações da Filosofia*. Tradução de Eneida Santos. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

XAVIER, F. C. *O Consolador*, pelo Espírito Emmanuel. 7. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1977.

ÁVILA, F. B. de S.J. *Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo*. Rio de Janeiro, M.E.C., 1967.

Fevereiro/2003

INJÚRIAS E VIOLÊNCIAS

Injúria – do lat. *injuria* – significa ação que ofende a outrem; agravo, vitupério, afronta. **Violência** - do lat. *violentia* -, o que se exerce com uma força impetuosa. Diz-se do sentimento ou da afeição, quando supera a vontade.

Para os antigos gregos, cada ser tinha um lugar destinado e tudo se resumia a manter a hierarquia dos valores de cada um na totalidade. Essa concepção não implica luta e violência. No entanto, mesmo entre os próprios gregos surgiu a

concepção de mundo como luta de contrários. O mundo "faz-se" precisamente no conflito entre as forças contrárias, do qual brota o novo.

O segundo esquema impôs-se nos tempos modernos. Hobbes formula essa idéia dizendo que "o homem é lobo do próprio homem". Darwin fala em seleção dos mais aptos, na sua teoria sobre a evolução das espécies. Hegel traça as linhas da dialética, como superação dos contrários. Marx quer atingir a igualdade através da luta de classes. Como vemos, tudo gira em torno da força para manter a ordem.

Contudo, o mestre Jesus dizia: "Bem-aventurados aqueles que são brandos, porque eles possuirão a Terra"; "Bem-aventurados os pacíficos, porque eles serão chamados filhos de Deus". Acrescenta "que todo aquele que se encolerizar contra o seu irmão merecerá ser condenado pelo julgamento; que aquele que disser ao seu irmão **Racca**, merecerá ser condenado pelo conselho". Por essas máximas, Jesus fez da doçura, da moderação, da mansuetude, da afabilidade e da paciência uma lei; condena, por conseguinte, a violência, a cólera e mesmo toda a expressão descortês com respeito ao semelhante.

Na interpretação de Kardec, no cap. IX de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, os textos evangélicos denotam a idéia de que, até esse dia, os bens da terra estão açambarcados pelos violentos em prejuízo daqueles que são brandos e pacíficos. Porém, quando a lei de amor e caridade for a lei da Humanidade, não haverá mais egoísmo; o fraco e o pacífico não serão mais explorados pelo forte e pelo violento.

O mundo é violento porque somos violentos. Se optarmos pela afabilidade e pela doçura, estaremos auxiliando a construir o mundo ditoso do terceiro milênio.

Agosto/1999

JUGO LEVE

Jugo – do lat. *jugu*, pelo hebr. *môt, ôl* - significa peça de madeira que serve para emparelhar dois animais para o mesmo trabalho. É símbolo de servidão, de opressão, de constrangimento. A passagem dos vencidos sob o **jugo** romano (trave em asna) é suficientemente explícita. **Leve** - do lat. *leve*, de pouco peso, que se movimenta com desembaraço, ágilmente, à solta. O jugo de Jesus é suave, isto é, não machuca.

São Mateus, no cap. XI, vv. 28 a 30 do seu Evangelho, narra o "jugo leve" da seguinte forma: "Vinde a mim, todos vós que sofreis e que estais sobrecarregados e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e aprendei de

mim que sou brando e humilde de coração, e encontrareis o repouso de vossas almas, porque meu jugo é suave e meu fardo é leve".

A reação aos acontecimentos varia para cada um de nós. Duas pessoas colocadas numa mesma circunstância terão sensações opostas: uma sentir-se-á feliz, enquanto a outra se prostrará em desespero. Isso decorre de uma série de fatores, principalmente aqueles que dizem respeito aos nossos objetivos de vida. De qualquer forma, essa passagem evangélica anunciada por Jesus serve de lenitivo para os nossos sofrimentos. Como interpretá-la?

Allan Kardec, no cap. VI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, elucida-nos o texto com muita propriedade. Diz-nos que todos os sofrimentos, misérias, decepções, dores físicas, perda de entes queridos encontram sua consolação na fé no futuro, na confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Naquele que não crê na vida futura as aflições se abatem com todo o seu peso, e nenhuma esperança vem suavizar-lhe a amargura.

O jugo será leve desde que obedeçamos à lei. Mas, que lei? A lei áurea deixada por Jesus: "Fazer aos outros o que gostaríamos que nos fosse feito". Praticando-a, vamos atualizando as nossas potencialidades de justiça, amor e caridade, primeiramente com relação a Deus e, secundariamente, com relação a nós mesmos e ao nosso próximo.

Sigamos os ditames de nossa consciência. Não importa os sofrimentos que tal atitude acarreta. Os Bons Espíritos estarão nos secundando, a fim de que possamos carregar o nosso fardo com galhardia.

Julho/1996

A LUZ E O DISCÍPULO

A **luz** é o símbolo multimilenar do desenvolvimento espiritual. É a herança de Deus para as trevas. É a substância divina gerada nas fontes superiores da esfera espiritual. É a mais elevada, potente e veloz das expressões do movimento, suscetível de acrisolar-se ao infinito. **Discípulo** é todo aquele que segue o seu mestre. **Discípulos do Senhor** são todos aqueles que seguem a Doutrina do Cristo: primeiro, os doze; depois, os setenta e dois; hoje, a humanidade dita cristã.

A luz, vista como símbolo, teve várias ocorrências ao longo do tempo. Na Antigüidade, Platão, no seu famoso Mito da Caverna, compara, metaforicamente, a luz ao brilho do Sol. Deus, no livro Gênesis do Velho Testamento, separa a luz das trevas. Jesus, no Novo Testamento, é a luz do mundo. Santo Agostinho, na Idade Média, compara o conhecimento à luz e dedica a Deus a fonte que ilumina a tudo. Descartes associa luz à razão. Locke chama luz de lamparina ao débil conhecimento do ser humano.

Jesus Cristo, quando esteve encarnado, há 2000 anos, trouxe-nos a Boa Nova, o Evangelho, a Luz da espiritualidade superior. Escolheu os seus discípulos, alertando-os que seriam o sal da terra, a luz do mundo. Posteriormente, em suas instruções, disse-lhes para procurar as ovelhas perdidas da casa de Israel, curar os enfermos, ressuscitar os mortos, purificar os leprosos, repelir os demônios; lembrou-lhes de serem prudentes como as serpentes e simples como as pombas; estimulou-lhes a nada temer, pois nada há encoberto, que não venha a ser revelado; nem oculto, que não venha a ser reconhecido; advertiu-os que não veio trazer paz à terra, mas espada; por fim, recomendou-lhes dar de beber aos pequeninos, pois o reino dos céus a estes se assemelha.

Os ensinamentos de Jesus Cristo e dos seus discípulos eram simples e objetivos: enaltecer a vida espiritual. Com o tempo, o poder das trevas amplia as suas asas de águia e deturpa a essência destes conhecimentos. Assistimos ao advento de diversas guerras, denominadas santas, as perseguições de todos os matizes, a inquisição etc. No âmbito da ortodoxia, criaram-se os dogmas, os rituais, o comércio das indulgências e a confissão auricular, de modo que o Cristianismo do Cristo foi quase que totalmente desfigurado, restando apenas o que o Padre Alta denomina de Cristianismo dos vigários.

Quando Jesus propôs aos seus discípulos serem a luz do mundo, chamou-lhes, também, a atenção para a grande responsabilidade na propagação do conhecimento. O Espírito Emmanuel adverte-nos que a luz gasta o pavio. Nesse sentido, o cristão, sem espírito de sacrifício, é letra morta no santuário do Evangelho. É por isso que todo o propagador da luz deve clarear sem ofuscar, ou seja, antes de semear a boa semente, precisa arrotear o terreno espiritual do seu interlocutor, a fim de que as palavras encontrem eco em seus ouvidos.

Agradeçamos a dádiva da luz celestial e não nos detenhamos ante o poder das trevas. Lembremo-nos de que a luz de uma pequena vela é capaz de iluminar a escuridão da noite.

Fonte de Consulta

DOMINGUES, I. *O Fio e a Trama: Reflexões sobre o Tempo e a História*. Belo Horizonte, UFMG, 1996.

XAVIER, F. C. *Fonte Viva*, pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro, FEB, s.d.p.

Abril/2000

MELANCOLIA

Melancolia é um estado mórbido de tristeza, languidez e depressão. Há certas ocasiões em que o pavor e o desespero invadem de tal maneira a nossa alma, que nos sentimos vencidos, enfraquecidos e derrotados. A melancolia arrebatada a nossa força vital, induz-nos ao choro e arremessa os nossos pensamentos ao

mais sombrio dos mundos. As lágrimas deslizam pela nossa face. Sentimo-nos impotentes frente aos desígnios divinos. Buscar orientações espirituais nos livros sagrados parece ser o único consolo prático.

A melancolia é uma característica dos grandes homens ou da humanidade? Aristóteles, filósofo grego da Antiguidade, adverte que ela seria uma condição apenas dos grandes homens. A orientação dos Espíritos superiores, contudo, diz o contrário. Eles alegam que o Espírito, aspirando à felicidade e à liberdade e que, preso ao corpo que lhe serve de prisão, se extenua em vão esforços para dele sair. Mas, vendo que são inúteis tais esforços, cai na languidez e no abatimento.

A melancolia faz-nos voltar para dentro de nós mesmos. É uma forma de fazer uma reflexão sobre o nosso nada, a nossa impotência, a nossa fraqueza. Quando nos voltamos para o nosso interior, vemos o quanto somos dependentes uns dos outros, o quanto precisamos do auxílio dos guias espirituais que nos acompanham. Há, porém, no meio dessa sofreguidão, um consolo: o de que o mundo material é apenas uma escola, um meio de passarmos pelas nossas provas e expiações. Nu viemos, nu voltaremos. Eis o grande ensinamento que nos remete à tomada de consciência de nossa pequenez.

Evocar o mistério é uma atitude constante dos melancólicos. O desejo reprimido, a esperança torturada – que nossa razão julga difícil de acontecer – parece já estar realizada no íntimo de nossa alma. Há, no meio das maiores dificuldades, uma luz interna que nos dá calma, tranqüilidade, paz e harmonia, apesar de todo o exterior conspirar contra nós. É que a fé está acima da razão humana. É ela que nos dá a direção correta de nossos passos e orienta o nosso caminho, a fim de que o percorramos segundo os desígnios divinos e não os nossos.

Diante de qualquer dificuldade, lembremo-nos das orientações espirituais: "Resisti com energia a essas impressões que enfraquecem vossa vontade. Essas aspirações para uma vida melhor são inatas no espírito de todos os homens, mas não as procureis neste mundo. Lembrai-vos de que tendes a cumprir uma missão, durante vossa prova na Terra, uma missão de que nem suspeitais. Seja em vos devotando à vossa família, seja cumprindo os deveres que Deus vos confiou. E se, no curso dessa prova, e desempenhando a vossa tarefa, vede os cuidados, as inquietações, os desgostos se precipitarem sobre vós, sede fortes e corajosos para os suportar. Afrontai-os francamente; eles são de curta duração".

"As dificuldades aumentam quando caminhamos para o fim". Não nos enganemos com os fogos fátuos do divertimento barato e da imaginação fértil. A vida foi feita para ser vivida e não para ser conhecida. Estejamos sempre atentos, pois nada acontece por acaso.

Fonte de Consulta

KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 39. ed. São Paulo: IDE, 1984, capítulo V, item 25.

Outubro/2004

MISSÃO DO HOMEM INTELIGENTE NA TERRA

Missão – do lat. *missione* – significa função ou poder que se confere a alguém para fazer algo; encargo; incumbência. **Homem** – do lat. *homine* -, qualquer indivíduo pertencente à espécie animal que apresenta maior grau de complexidade na escala evolutiva; o ser humano. **Inteligência** – do lat. *Intelligentia* –, faculdade de aprender, apreender ou compreender.

Todo o homem possui uma missão, grande ou pequena, no planeta Terra. A diversidade de aptidões direciona-nos ao campo de atividade que se coaduna com nossa vocação. A escolha de uma profissão, quando bem refletida, revela os anseios divinos com relação ao nosso desenvolvimento intelectual e moral. Embora não exista a fatalidade, há um determinismo que guia os nossos passos, fruto de nossa escolha, quando desencarnados.

A inteligência, como faculdade de elaborar conexões, é extremamente valiosa. Através dela, conceituamos, relacionamos causa e efeito, resolvemos problemas de matemática, construímos máquinas etc. À medida que o homem exercita sua inteligência, ela amplia-se. Do simples chegamos ao complexo; do conhecido ao desconhecido. Porém, surgem, também, os desmandos intelectuais, ou seja, o homem começa a se colocar acima do Criador, enveredando-se pela trilha do orgulho.

O ser humano jamais deveria orgulhar-se da sua inteligência. Se Deus, na sua infinita bondade, concedeu-nos a oportunidade de renascermos num meio em que possamos desenvolver a nossa inteligência, é para que a utilizemos em nosso benefício e dos nossos semelhantes. A inteligência desenvolvida é um talento com finalidade útil nas mãos das criaturas, para que estas ajudem àqueles que têm uma inteligência menos desenvolvida, objetivando fazer com que se aproximem, cada vez mais, do Criador.

O Espírito Ferdinando, em mensagem transcrita no cap. VII de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, diz-nos que a inteligência é rica de méritos para o futuro, mas com a condição de ser bem empregada; se todos os homens dotados se servissem dela segundo os desígnios de Deus, a tarefa dos Espíritos seria fácil no sentido de a humanidade avançar. Infelizmente, muitos abusam desta e de outras faculdades, sendo causa de orgulho e de perdição para si mesmos.

Valorizemos a nossa existência. Apliquemos todos os nossos recursos pessoais no engrandecimento de nossa inteligência, a fim de melhor servir àqueles que nos rodeiam.

Abril/2000

MORTE EM FAMÍLIA

"O instante da morte é fatal". "Da morte ninguém escapa". "O fim da vida é a morte". "A morte revela a verdade". Essas são algumas dentre as muitas frases que se expressam num velório. Sendo a destruição do corpo físico uma Lei Natural, deveríamos aceitá-la com mais tranqüilidade. Porém, nem sempre estamos preparados para o desenlace. De qualquer modo, os Espíritos amigos estão sempre nos auxiliando com suas vibrações amorosas, no sentido de reconfortar o nosso ânimo, abalado pelo choque.

A dificuldade da morte em família é o refazimento do caminho sem o ente que se foi. Tudo o que fazíamos, antes dele partir para o mundo espiritual, tinha um objetivo: dar-lhe o alimento no horário certo, administrar-lhe as doses do remédio, cortar-lhe a barba, dar-lhe banho, levá-lo ao médico, ver se lhe faltava alguma coisa etc. De repente não existe mais a presença deste ser. Isso provoca uma certa apatia, um embaraço, um não saber o que fazer, em fim, uma desorganização em nossa vida doméstica.

A pessoa se foi: pai, mãe, filho etc. De acordo com a proximidade do parentesco fica a reflexão: fiz-lhe todo o bem que eu poderia ter feito? Deixei de atender-lhe algo que estava ao meu alcance? Até que ponto contribuí para sua tristeza ou sua alegria? Qual o grau de minha responsabilidade na sua ida ao mundo espiritual? Quer dizer, será que fizemos ao outro aquilo que gostaríamos que nos tivessem feito a nós mesmos. Eis aí a questão central de nossas mais íntimas reflexões.

Suponha que tivéssemos praticado ações que o desgostaram. A reflexão nesses casos também é útil, mas não nos deve chafurdar no pranto e na inutilidade. Se erramos, peçamos perdão, mas continuemos a trabalhar na certeza de que os mentores espirituais saberão confortá-lo e encaminhá-lo para a verdadeira compreensão. Ninguém está isento do erro, do pecado. Por isso, se santos não somos, os nossos erros devem ser refletidos para que estes sirvam de anteparo ao cometimento de novos erros.

O desapego ao ente que se foi é de extrema importância. De que vale segurá-lo, em pensamento, se ele tem que prestar contas do que ele fez de certo ou de errado? Se os despojos do corpo físico e os seus pertences materiais aqui ficaram, por que querer prendê-lo nós outros, simples mortais? Deixemo-lo ir e seguir o seu caminho tanto quanto nós temos de seguir os nossos. De qualquer forma, as preces sinceras, saídas do nosso coração, serão sempre bem recebidas.

Guardemo-lhe as boas lembranças e enderecemo-lhe pensamentos de paz, de reconforto, de harmonia, a fim de que isto possa auxiliá-lo em sua volta ao mundo dos espíritos, o verdadeiro mundo.

Novembro/1998.

MUNDOS INFERIORES E MUNDOS SUPERIORES

Mundo – do lat. *mundu* – significa a Terra e os astros considerados como um todo organizado; qualquer corpo celeste. **Inferior** – do lat. *inferiore* –, que está abaixo de outro(s) em igualdade, condição, importância, mérito, valor; que ocupa lugar mais baixo em uma classificação. **Superior** – do lat. *superiore* –, que está mais acima; que atingiu um grau muito elevado; de qualidade excelente.

Allan Kardec, no cap. III de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, divide os mundos em cinco categorias, a saber: os **mundos primitivos**, destinados às primeiras encarnações da alma humana; os **mundos de expiações e de provas**, onde o mal domina; os **mundos regeneradores**, onde as almas que ainda têm o que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta; os **mundos felizes**, onde o bem se sobrepuja ao mal; os **mundos celestes ou divinos**, morada dos Espíritos depurados, onde o bem reina inteiramente.

Nos mundos inferiores a existência é toda material. Esses mundos servem de guarida aos Espíritos em que os instintos predominam, a inteligência é rudimentar e a vida moral quase nula. Mesmo assim, Deus não desampara nenhum desses seres, ao incutir-lhes na mente a idéia de um Ser Supremo, a quem venerar e amar. Além disso, o Criador envia, também, Espíritos missionários, a fim de despertar-lhes o senso moral e fazê-los progredir mais rapidamente.

Nos mundos superiores a existência é toda espiritual. Depois de desenvolvidos a inteligência e o senso moral, nos mundos inferiores e intermediários, o Espírito está preparado para ingressar nos mundos ditosos e felizes. Nos mundos superiores não há doenças, nem as deteriorações que engendram a predominância da matéria; pelo contrário, há leveza específica do corpo físico, que torna sua locomoção rápida e fácil. O corpo físico guarda a **forma humana**, pois esta é a forma em todos os mundos, porém embelezada, aperfeiçoada e, sobretudo, purificada.

O planeta Terra é classificado como sendo um mundo de expiações e de provas, portanto, situado numa posição intermediária. Aqui, ainda o mal predomina sobre o bem. Contudo, estamos aproximando-nos de uma nova fase, o mundo de regeneração. Neste, as almas que ainda têm de expiar haurem novas forças para, depois, darem continuidade ao progresso espiritual até atingirem a condição de serem promovidos aos mundos felizes.

Aproveitemos a oportunidade de estarmos encarnados neste planeta. Façamos todo o bem possível, e seremos merecedores de reencarnarmos em mundos mais ditosos.

Setembro/1996

NADA RECLAMAR

Há um ditado popular que diz: "Quem vive, reclama". A **reclamação** de nossa situação presente torna-se quase natural. Mas, é correto estar sempre se queixando? Não seria mais racional aceitarmos os problemas, tais quais eles são? Como modificarmos as nossas atitudes mentais menos felizes? Eis o propósito das linhas que se seguem.

As alterações **climáticas** influenciam sobremaneira os nossos sentidos. Basta amanhecer chovendo, para nos colocarmos em defensiva contra a natureza. Pensamos: "justo agora que eu tenho de sair para o trabalho; não poderia chover mais tarde?" Se o calor for excessivo, tornamo-nos ingratos para com o Criador. Quando o frio aumenta de intensidade, a queixa contra a Divina Providência não é menos relevante. Pergunta-se: podemos modificar a natureza? Será que a nossa reclamação vai mudar o *status quo*, ou seja, fazer o frio ficar menos frio, a chuva parar e o Sol diminuir a sua irradiação calorífica?

O **desgosto** pela vida aparece em diversas ocasiões. Se temos uma ocupação, reclamamos dela; se não a temos, rezamos para tê-la. Se estamos solteiros, pedimos ao Criador uma companheira ou um companheiro; se estamos casados, queremos voltar à condição de solteiros. Assim, as contradições em nosso dia-a-dia chegam ao infinito. Observe por quantos estados emocionais passam, num único dia, os nossos pensamentos: ora de alegria, ora de tristeza, ora de apreensão. É preciso administrá-los a contento, a fim de mantermos a serenidade do nosso espírito.

Temos consciência do **tempo perdido** em nossas reclamações? Como evitá-lo? Tudo depende do fluxo energético de nosso pensamento. Exemplo: surge-nos uma idéia menos feliz; se lhe dermos azo, ela procurará outras de igual teor, de modo que em pouco tempo e, sem o percebermos, estaremos atolados diante dessa avalanche de negatividade. Se, ao contrário, colocarmos uma contra-senha, ou seja, eliminarmos a sua eclosão tão logo bata no limiar da porta, estaremos criando condições para fortalecer os pensamentos altruístas.

A **renovação da atitude mental** é extremamente valiosa. Nesse sentido, podemos estar com uma dor física insuportável, sem a sofrer, pois não a deixamos penetrar em nosso psiquismo. Do mesmo modo, podemos estar sem dinheiro, mas permanecermos ricos interiormente; estar sem emprego, mas empregar bem as horas do dia. O nosso equilíbrio psicofísico-espiritual depende destas mudanças de atitudes e comportamentos. É preciso, pois, não

nos intimidarmos ante as sugestões malsãs de cada dia. O fiel servidor do Cristo saberá contornar cada uma das situações e permanecer tranqüilo, como um relógio durante a tempestade.

O que seria do herói sem os obstáculos a serem suplantados? O que seria da verdade sem os erros para serem corrigidos? O que seria da justiça sem os crimes para serem punidos? Em vista de tudo isso, cabe-nos manter a serenidade de espírito, independentemente das circunstâncias que se nos apresentarem.

Junho/2004

NADA SEM DEUS

Tentando agradar aos outros, distanciamo-nos, muitas vezes, da nossa própria missão. Por que escrever dezenas de livros, se essa não é a nossa tarefa? Será que, quando dizemos que escrevemos isso, fizemos aquilo, tencionamos fazer aquilo outro, não estamos muito mais atendendo ao nosso orgulho e vaidade do que à vontade de Deus? Por isso, antes de empreendermos qualquer trabalho, peçamos humildemente o beneplácito do Criador. Observe a vida de Jesus e de Sócrates: eles não nos deixaram nada escrito, mas seus pensamentos atravessaram os séculos.

Refletamos sobre o objetivo de nossa encarnação. Por que entramos pela porta larga dos prazeres fáceis, se assumimos, no mundo espiritual, um compromisso voltado aos deveres da porta estreita? Para tal mister, façamos sempre os exercícios de autoconhecimento, no sentido de captar os anseios do nosso eu imortal. Tornando isto uma constante, a necessidade de nos compararmos com o próximo é reduzida a zero. Não havendo comparação, podemos alçar o vôo de nossa própria libertação, através das tarefas que nos foram designadas.

Como saber se estamos realmente seguindo a vontade de Deus? A vontade de Deus é uma espécie de voz interior que fala ao nosso ouvido. Muitas vezes não queremos ouvi-la, porque ela nos convida a fazer algo que não gostaríamos de fazer. Mas ela lá está indicando-nos o caminho. O medo e a falta de fé impedem-nos de mudar o rumo, pois gostamos da comodidade, da preguiça e do deleite. Acontece que não adianta fugir, porque segundo o anexim, "sempre somos levados para os caminhos que devemos percorrer". E quanto mais fugimos, mais nos direcionamos para o nosso caminho.

Observe a vida dos grandes mártires da humanidade. O que levou um Francisco de Assis a tomar o manto da pobreza, um Nobel a distribuir toda a sua fortuna para o avanço da ciência, um Chico Xavier a psicografar mais de

400 obras? O que leva uma pessoa a tomar conta de uma Casa Assistencial e auxiliar aqueles que não têm nem o que comer? Pelo exposto, essas pessoas não são movidas pelo dinheiro, pelo econômico. Se não o são, haverá um outro estímulo, muito mais precioso, que está além dos sentidos físicos, figurando, quem sabe, no anelo com a vontade de Deus.

Uma vez entrado por um caminho, prosseguir, a não ser que estejamos em erro. Mas se isso não for o caso, já não dá mais para voltar. O dardo está lançado. Basta apenas acionarmos a fé que enfrenta a oposição dos homens e que não tenha medo de passar pelo ridículo. A coragem da fé não se mostra só nos grandes eventos, mas nas ações apagadas e humildes em que devemos testemunhar os ensinamentos do nosso mestre Jesus. Nada deve nos intimidar, pois se Deus está conosco, que será contra nós? Observe o exemplo de Paulo, depois da queda no caminho de Damasco.

Não importa que os outros não nos entendam. Cada vaso com sua utilidade. O importante é sempre perguntar: a minha consciência está pura? Se nada nos apontar, prossigamos, apesar das asperezas do caminho.

Fevereiro/2006

NÃO COLOCAR A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE

Candeia – do lat. *candela*, "vela de sebo ou de cera" – significa pequeno aparelho de iluminação, que se suspende por um prego. **Alqueire** – do ár. *al-kail* –, antiga medida de capacidade para secos e líquidos, variável de terra para terra. Não colocar a candeia debaixo do alqueire quer dizer, em vez disso, deve-se suspendê-la até o prego, a fim de que se produza iluminação para todas as pessoas do recinto.

A **candeia** e o **alqueire** são uma alegoria acerca do conhecimento. O conhecimento é uma relação entre o Sujeito e o Objeto. O Sujeito apreende o Objeto e dele tira o conteúdo da aprendizagem. Fá-lo, porém, por tentativas e erros, ou seja, à medida que toma consciência do erro, corrige-o até atingir a maior plenitude da verdade. Nesse sentido, deve-se evitar o tom dogmático e cético, procurando, pelo contrário, o equilíbrio através da ponderação racional.

Candeia e alqueire denotam não só a apreensão do conhecimento como também a sua transmissão. Não é a verdade que nos perde, mas a maneira de dizê-la. Dessa forma, a alegoria da candeia mostra que o conhecimento das coisas espirituais deve ser ministrado conforme a capacidade de absorção dos ouvintes. Um clarão pode ofuscar, enquanto a luz de uma vela pode representar o porto da salvação.

A comunicação **via parábola** explicita o nosso raciocínio. Quando Jesus pregava a Boa Nova, utilizava-se da linguagem exotérica e da esotérica. A linguagem **exotérica** refere-se às parábolas que Jesus contava ao público em geral. Afirmava que para entendê-la havia a necessidade de se ter olhos de ver

e ouvidos de ouvir. Por outro lado, a sós com os discípulos, utilizava-se da linguagem **esotérica**, pois podia falar claramente as verdades espirituais. Contudo, mesmo entre estes, não falava tudo.

A comunicação caracteriza-se pela **emissão, mensagem e recepção**. Há que se ter cuidado na transmissão, porque se o receptor não capta, o esforço torna-se vão. É por isso que os amigos espirituais exortam-nos a cuidar da voz, da postura, dos gestos etc. Na atualidade, não temos mais desculpas lingüísticas na perda de almas para o apostolado do Cristo. Precisamos estar preparados para essa nobre tarefa.

O alcance da palavra é infinito. Cuidemos, pois, para que de nossa boca saiam somente frases de luz, para que elas possam auxiliar-nos a construir um mundo mais fraterno e mais justo.

Outubro/1996

NÃO VIM TRAZER A PAZ MAS A ESPADA

Paz – do lat. *pax, pacis* – é a tranqüilidade da ordem. É a aspiração fundamental de cada homem e de toda a humanidade, a ponto de seu conceito quase ser confundido com o de felicidade. **Espada** – do gr. *spáthe*, pelo lat. *spatha* – é a arma branca, formada de uma lâmina comprida e pontiaguda, de um ou dois gumes. Símbolo do Estado Militar e de sua virtude. Relacionada com a balança, significa justiça: separa o bem do mal, julga o culpado.

A paz e a espada representam um ensinamento transmitido por Jesus. São Mateus, no cap. X, v. 34 a 36, narra essa passagem evangélica nos seguintes termos: "Não penseis que eu vim trazer paz sobre a Terra; eu não vim trazer a paz, mas a espada; porque eu vim separar o homem de seu pai, a filha de sua mãe e a nora de sua sogra; e o homem terá por inimigos os de sua casa". São Lucas, no cap. XII, v. 49 a 53, trata do mesmo assunto, acrescentando que Jesus viera lançar fogo sobre a Terra e tinha pressa que ele se acendesse.

O ensinamento da paz e da espada, como tantos outros ensinamentos trazidos por Jesus, possui conteúdo alegórico. A interpretação do referido trecho varia de seita para seita. A espada do Cristo, que era de fraternidade, passa a ser instrumento de violência e opressão nas mãos dos propagadores de determinadas seitas. Os próprios cristãos, de perseguidos, passam a ser perseguidores. Não é, pois, de se estranhar que as guerras religiosas destruíram mais do que as guerras políticas.

Toda a idéia nova gera oposição. Eis a correta interpretação dessa passagem evangélica. O "novo", quando fundamentado na lógica e na razão, fere interesses pessoais. Isso acontece na Ciência, na Filosofia e, também, na Religião. Por isso a importância da nova idéia é proporcional à resistência encontrada. Pois, se julgada sem conseqüência, deixá-la-iam passar, mas, como se sentem ameaçados, fazem de tudo para dificultar a sua propagação.

O Espiritismo, à semelhança do Socratismo e do Cristianismo, traz um novo paradigma para a humanidade, e pode ser interpretado como uma nova espada. Não será aceita sem lutas, controvérsias e oposições. Sua pujança não está nas disputas sangrentas, mas na modificação interior que proporciona a cada um de seus adeptos. A questão da espada será muito mais uma guerra de cada um contra si mesmo e contra todo o mal, fazendo com que possamos ser "promotores da paz".

A paz não é sinônimo de beatitude. É um estado de tranqüilidade de consciência durante e após a luta contra o comodismo pessoal, as injustiças e as desigualdades sociais.

Outubro/1999

OBEDIÊNCIA E RESIGNAÇÃO

Obediência – do lat. *oboedientia* – significa submeter-se à vontade, às ordens de outrem, e executá-las. **Resignação** – Do lat. *resignatione*, é o ato ou o efeito de resignar-se; renúncia espontânea de um cargo; submissão paciente aos sofrimentos da vida.

Religiosamente considerada, a obediência é submetermo-nos primeiramente à vontade de Deus e, depois, à vontade dos homens, desde que postos hierarquicamente por Deus. O "pecado" surge pela desobediência às leis divinas. Nesse sentido, a resignação é a aceitação serena das conseqüências advindas das infrações cometidas com relação a tais leis.

Jesus Cristo é o modelo da perfeita obediência. Obedeceu a Deus, aos pais terrestres e aos seus superiores. Contudo, não foi conivente com a corrupção do povo de sua época. Forneceu-nos o exemplo da humildade, da paciência e da renúncia, a fim de atender aos desígnios do Alto. Sua resignação ante o Pai fê-lo morrer na cruz. Ainda aí não arredou o pé, preferindo o martírio, no sentido de enaltecer a verdade e com isso iluminar os nossos corações endurecidos.

A **obediência** é o consentimento da razão, enquanto a **resignação** é o consentimento do coração. Essas duas virtudes são companheiras da **doçura** e muito ativas, e a maioria dos homens confundem-nas com a inércia. Muito pelo contrário, há que se ter muita força interior para resistir aos desejos, às paixões ou à revolta ante uma ofensa. O verdadeiro resignado chega até a renunciar ao direito de queixa.

Toda a resistência orgulhosa deverá ceder, cedo ou tarde. Cada época é marcada pelos vícios e pelas virtudes. Nossa virtude é o desenvolvimento intelectual; nosso vício é a indiferença moral. Assim, é conveniente que cada um de nós vá paulatinamente submetendo-se à Lei do Progresso. Não

esperemos que os Espíritos venham imolar-nos para que avancemos mais rapidamente na prática do bem e do amor ao próximo.

Obedecemos a Deus com todas as nossas forças e resignemo-nos aos infortúnios que se nos apresentarem. Não pensemos que a ascensão espiritual vem por um decreto divino. Ela é fruto de um árduo trabalho.

Abril/1999

OLHOS DE VER E OUVIDOS DE OUVIR

O olho. Cada um dos dois glóbulos situados na parte anterior da cabeça que constituem o órgão da visão humana e animal. Os olhos se movimentam coordenadamente para nos informar sobre o objeto observado. A natureza concedeu-nos apenas dois olhos. Contudo, se tivesse nos ofertado quatro, ou seja, dois na frente e dois atrás, a nossa visão aumentaria sobremaneira, pois poderíamos perceber um suposto ataque por detrás, tendo tempo suficiente para nos defendermos.

O ouvido é um dos cinco sentidos que serve para captar os sons, que para os ouvidos normais, variam entre 20 a 20.000 decibéis. Há animais, contudo, que ouvem tanto abaixo como acima deste intervalo. O cachorro percebe som até 30 khz; o morcego chega em 160 khz. O ouvido dos animais superiores, além de ser órgão de audição, comporta também o órgão de equilíbrio. Faltando-nos este último, não conseguimos ficar de pé. Isso é constato nas pessoas que têm crise de labirinto.

A **visão**, em termos simbólicos, assume diversos valores. No esoterismo, fala-se do *olho frontal* – o terceiro olho de Xiva. Em religião, descreve-se a visão profética. No âmbito da filosofia, a visão refere-se ao conhecimento. *O Mito da Caverna* de Platão é um exemplo. Neste mito, PLATÃO coloca as pessoas de costas para a entrada da caverna, de modo a verem as suas sombras projetadas no fundo. Contudo, existe um, que ele chama filósofo, que se vira e sai à busca da luz, isto é, ao encontro do conhecimento, da verdade.

Quanto ao **ouvido**, dois pontos nos chamam a atenção: o *solilóquio* e a *audição da própria consciência*. O solilóquio, dialogar consigo mesmo, era praticado pelos filósofos gregos, chamados peripatéticos (de *peripatos* = passeio). Eles punham-se a caminhar, a fim de obter idéias. Referindo-nos ao ouvir a própria consciência, o conselho de Santo Agostinho vem bem a calhar. Dizia-nos que, para conhecermos a nós mesmos, bastava fazer o que ele fazia todas as noites, ou seja, repassava o dia para verificar como se comportou em palavras, ato e pensamento.

O Espírito Emmanuel, em *Palavras da Vida Eterna* 26 e 72, *Vinha de Luz* 18 e 87, *Fonte Viva* 56 e 95, elucida-nos sobre a melhor maneira de exercitarmos os

nossos olhos e os nossos ouvidos. Pede-nos para verificar se não temos os ouvidos de mexerico, de festa, de pessimismo, de complicar. Lembra-nos que se nos encontramos realmente empenhados na execução do próprio bem, ouviremos, decerto, as provocações do mal em todos os instantes do testemunho. Contudo, é preciso marchar mesmo assim, ainda que tenhamos os joelhos desconjuntados. Ainda: em qualquer lugar podemos ouvir o chamamento divino: no lar, na rua, no escritório.

Se aguçarmos a nossa visão e a nossa audição, sob o influxo do Evangelho de Jesus, tornar-nos-emos uma pessoa nova, um ser preocupado exclusivamente com a prática da caridade, a qual se traduz pelo amor ao próximo.

Agosto/2003

ORGULHO E HUMILDADE

Orgulho – do frâncico *urguli*, "excelência", atr. do catalão *orgull* e do espanhol *orgullo* – significa sentimento de dignidade pessoal; conceito elevado ou exagerado de si próprio; amor-próprio demasiado; soberba, altivez. **Humildade** – Do lat. *humilitate*, é a virtude que nos dá o sentimento de nossa fraqueza; respeito, reverência; submissão; pobreza.

Mateus, no cap. XI, v. 25 do seu Evangelho, expressa a relação entre o orgulho e a humildade nos seguintes termos: "Graças te rendo, meu Pai, Senhor do Céu e da Terra, por haveres ocultado estas coisas aos doutos e aos prudentes, e por as teres revelado aos simples e aos pequeninos". Por que razão iria Jesus revelar essas coisas aos **mais simples** e ocultá-las aos **sábios e prudentes**?

Allan Kardec, no cap. VII de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, diz-nos que é preciso entender os simples e pequeninos como os **humildes**, ou seja, os pobres de espírito, que se humilham diante de Deus, e não se crêem superiores a todo o mundo, e, pelos sábios e prudentes, os **orgulhosos**, envaidecidos de sua ciência mundana, que se crêem prudentes porque negam Deus e, quando não o negam, tratam-no de igual para igual.

O orgulho é o terrível adversário da humildade. O homem de ciência, se não tomar cuidado, tornar-se-á um orgulhoso. Isso porque, com o desenvolvimento da sua inteligência, começará a sentir-se superior aos demais, principalmente com relação aos pobres, tratando-os como seres inferiores, como a ralé da sociedade. Esquece-se, facilmente, de que todos partimos de um mesmo princípio, portanto somos todos iguais perante Deus.

A humildade não é a antinomia do orgulho. Ela é o fundamento de todas as virtudes. O sentimento de humildade nivela-nos aos demais homens. O verdadeiro humilde, se colocado numa posição hierárquica inferior, saberá

resignar-se ante tal situação; se posto num lugar de destaque, saberá respeitar o inferior, não como um ser inferior, mas como um igual seu, apenas cooperando em outra função dentro da obra geral.

Humilhemo-nos diante do Criador. Somente assim, conseguiremos atender aos nossos deveres e obrigações repletos de confiança e determinação.

Abril/2000

PACIÊNCIA

Contradições, crises e incertezas surgem em nossa existência, abalando as estruturas de nossa defesa. A recomendação evangélica é para que tenhamos paciência, se quisermos possuir nossa alma.

No âmago da crise, da confusão mental, a tentativa de suicídio se nos apresenta com facilidade, em virtude do monoideísmo criado pelos nossos pensamentos negativos. Temos de parar e refletir: 1º) Deus não coloca fardos pesados em ombros frágeis; 2º) não há, no mundo, duas pessoas iguais; 3º) somos postos no devido lugar para a construção de nosso destino; 4º) o sofrimento é inerente à imperfeição.

"Tudo que acontece segundo a natureza é bom", diz o ditado. Resignarmo-nos às circunstâncias adversas não é permanecermos ociosos, mas aceitarmos, de bom grado, a vontade divina e não a nossa. A fé, a esperança e a caridade abrem a nossa mente para a captação dos pensamentos positivos, expulsando, em contrapartida, o desânimo e o pessimismo. Ainda mais: quando Deus fecha uma porta, abre dez.

"Paciência e tempo podem mais que força e raiva", afirma La Fontaine. Saibamos esperar o momento oportuno para uma observação, um pedido, uma repreensão. É possível que os outros nos taxem de tolos, de covardes. Não importa. O que conta é termos a consciência tranqüila ante o dever cumprido. Só assim conquistaremos a felicidade que sempre dura.

O exercício constante da paciência propicia-nos a fortaleza de ânimo. A vida compõe-se de mil nadas que acabam por nos ferir. Ofensas, desentendimento e recusa são, dentre muitos, os problemas que temos de enfrentar. Nesse sentido, é bom lembrarmos que nossa evolução não se processa através de facilidades, mas pelas dificuldades que tivermos vencido.

Paciência é a virtude por excelência, pois sem ela facilmente sucumbiríamos ante as pedras do caminho. Saibamos confiar em Deus, aguardando no trabalho, a realização de sua Vontade Eterna.

Agosto/1994.

UMA PÁGINA DE OTIMISMO

Os problemas que afligem nossa mente são muitos: as manchetes de jornais, por exemplo, realçam o desemprego, o aumento de impostos, a queda das reservas internacionais, a crise financeira etc. Além desses, outros de ordem pessoal penetram em nosso interior, estimulando uma certa ojeriza pela vida. Muitas vezes, sem forças para enfrentar esses desafios, caímos em pranto e não conseguimos levantar-nos com facilidade.

Porém, no fundo desse abismo, parece existir um raio de esperança que extrapola tempo e espaço, razão e lógica humanas. Lá, no âmago de nossa alma, paira uma certeza que, apesar das asperezas do caminho, a vida prossegue intrépida o seu caminho. A nossa razão não consegue entender, mas nossa intuição vê com clareza a bonança que segue a tormenta da tempestade.

Observemos, também, que dentro desse quadro pessimista e negativo que nos envolve, há algo que nos dá uma segurança ainda maior: é a tranqüilidade de nossa consciência. Suponha que estejamos vivenciando dolorosamente as nossas desilusões, ou seja, as circunstâncias obrigam-nos a nos voltarmos para dentro de nós mesmos. Quando essa volta, por mais penosa que seja, encontra a nossa consciência tranqüila, brota do nosso íntimo forças insuspeitáveis para prosseguirmos a nossa jornada.

A tranqüilidade de consciência produz frutos sazonados: uma grande paz penetra a nossa mente e os nossos pensamentos ficam mais suaves. Parece que estamos num outro mundo, fora dos transtornos da matéria. Muitos se sentem como que transportados para um lugar distante onde reina exclusivamente a calma, a mansuetude e a fraternidade universal.

Não, isso não é um conto de fada. É o estado interior que, vez ou outra, podemos desfrutar. Percebamos que, quando o exterior está confuso, cheio de problemas, a espiritualidade concede-nos esses momentos de devaneios para podermos usufruir as benesses dos benfeitores espirituais, no sentido de um perfeito refazimento de nossas energias interiores.

Tenhamos paciência e guardemos segredo de nossas dores. Lembremo-nos de que tudo está nas mãos de Deus. E sendo Ele o despenseiro maior, saberá oferecer o que é útil para a nossa evolução espiritual.

Outubro/1998.

PARÁBOLA DOS TALENTOS

Parábola – do lat. *Parábola* – significa argumento que consiste no aduzir uma comparação ou um paralelo. No sentido evangélico, espécie de alegoria que

envolve algum preceito moral. **Talento** – do lat. *talentum* -, peso e moeda da antiga Grécia e Roma. O sentido metafórico desse termo, derivado da parábola evangélica dos talentos, é o de "uma superioridade da faculdade concedora, que não provém do ensino mas da aptidão natural do sujeito".

A Parábola dos Talentos (Mateus, cap. 25, vv. 14 a 30) retrata a situação de um homem que, ao ausentar-se para longe, chamou seus servos, e entregou-lhes os seus bens. Ao primeiro deu cinco talentos, ao segundo, dois e ao terceiro, um. Os dois primeiros negociaram os talentos recebidos e devolveram, respectivamente, dez e quatro talentos. O terceiro devolveu apenas o que havia recebido. Os que multiplicaram seus talentos ganharam novas intencionalidades. Mas o que guardou, até este o amo lhe tirou, dizendo: "Porque a todo o que já tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância; e ao que não tem, tirar-se-lhe-á até o que parece que tem".

Essa parábola trata da multiplicação do dinheiro. Analisada friamente, entenderíamos que o dinheiro recebido deveria ser devolvido em dobro. Se ficarmos somente na letra, despenderíamos todos os nossos esforços para o aumento de nossos bens materiais. Contudo, qual o sentido metafórico do relato bíblico?

O Espírito Irmão X, no livro *Estante da Vida*, psicografado por F. C. Xavier, interpreta a parábola nos seguintes termos: ao primeiro o senhor dera Dinheiro, Poder, Conforto, Habilidade e Prestígio; ao segundo, Inteligência e Autoridade; ao terceiro, o Conhecimento Espírita. O primeiro acrescenta Trabalho, Progresso, Amizade, Esperança e Gratidão; o segundo, Cultura e Experiência; o terceiro, devolve intacto. Em vista do ocorrido, o senhor ordena que se tire o Conhecimento Espírita desse último e o dê aos dois primeiros.

Metaforicamente considerada, essa parábola refere-se à responsabilidade na multiplicação dos bens recebidos. Se o Criador houve por bem ofertar-nos a luz do Conhecimento Espírita, não podemos ocultá-lo com receio de represálias e dissabores. Espargindo a luz da verdade vamos iluminar os detentores do Poder, do Dinheiro, da Inteligência etc. Com isso, ajudaremos a construir um mundo mais justo e mais fraterno.

Refletamos sobre os nossos talentos ocultos. Não esperemos que o Senhor venha cobrar-nos para que possamos colocá-los a favor do nosso próximo.

Novembro/1999

PENAS E GOZOS TERRENOS

Penas e gozos caracterizam o pensamento dicotômico, em que o 1.º termo assume papel relevante, de mais ênfase. Significa dizer que o sofrimento, a dor, a pena são maiores ou mais sentidos do que o prazer, o gozo, a alegria. Este tema evoca uma reflexão sobre a nossa existência no planeta Terra, classificado por Allan Kardec, como um mundo de *provas e expiações*.

Há possibilidade de separarmos o mundo terreno do mundo espiritual? Quer dizer, estando sob o jugo da matéria, o espiritual estará esquecido? Não, o que Allan Kardec está fazendo é um estudo didático: primeiro analisa as penas e gozos terrenos; depois trata das penas e gozos futuros. Mas como os Espíritos vêm a Terra? Eles sempre falam de um educandário, de um hospital, onde os seus habitantes estão purgando o mal, a fim de se potencializarem na prática do bem. Dessa forma, o nosso ponto de partida é o de que a Terra, sendo um mundo de provas e expiações, o mal nela predomina.

Observemos a felicidade. Será que podemos ser felizes ao lado de irmãos que não têm o necessário para o sustento físico? E por que esses são a maioria? É justamente devido à condição de nosso Planeta. Nesse sentido, nunca poderemos ter uma felicidade plena, a menos que não importemos com o nosso irmão menos afortunado. Quem pensa no irmão em dificuldade, dificilmente sentir-se-á feliz. É por isso que o justo é infeliz, pois lutando por uma distribuição mais justa tanto das riquezas materiais como espirituais, será sempre mal compreendido, além de ser desprezado, como o próprio Jesus e outros tantos missionários o foram.

Quais seriam, entretanto, as **fontes de infelicidade**? Perda de entes queridos, mortes prematuras, antipatias, ingratidão e doenças várias. Dentre elas, a ingratidão assume papel significativo. Como, porém, enfrentar essa situação? Lembrando-nos de que a ingratidão é filha do egoísmo e o egoísta encontrará mais tarde corações insensíveis como ele próprio o foi. Além do mais, a ingratidão é uma prova para persistência na prática do bem. Convém ter para com eles muita tolerância e paciência, assim como o Pai Celestial teve e está tendo para conosco.

No meio desses dissabores, o suicídio, que é fruto do desgosto pela vida, corrói as nossas fibras mais íntimas. O que é que leva algumas pessoas ao suicídio? A ociosidade, a falta de fé e a má gestão da sociedade. Assim sendo, sabedores de que a sociedade pode ser injusta, no sentido de não nos oferecer a oportunidade para o sustento de nossa vida, convém não nos desesperarmos, quando tal nos acontecer. A beleza não está na facilidade, mas na luta contra as adversidades e revezes, os quais serão levados em conta quando passarmos para a outra dimensão da existência.

Como o nosso mundo é dicotômico, ao lado dos sofrimentos, temos também alegrias, principalmente no contato com os amigos que se afeiçoam com o nosso modo de ser, incentivando-nos e dando-nos forças para continuarmos o cumprimento de nosso dever.

Julho/2002.

O PERDÃO

Perdoar – do lat. med. *perdonare* significa "desculpar", "absolver", "evitar". É o estado de ânimo, em que se encontra alguém, agravado por outrem, seu

agressor, e sente-se desagravado. O pecado, na Religião, é um agravo a Deus, e o perdão consiste em não considerar-se Deus agravado; ou seja, desagravado.

Historicamente considerado, o perdão surge explicitamente no **âmbito do Velho Testamento**, onde o caráter antropomórfico e misericordioso de **lahweh** é suficiente para livrar o pecador do seu pecado. Na **dimensão do Novo Testamento**, João Batista pregava o arrependimento do pecador, para que Jesus, depois, perdoasse todos os seus pecados. A diferença entre o Velho Testamento e o Novo Testamento é que no NT o perdão vem através do Cristo, particularmente pela sua morte redentora na cruz.

Ofendido e ofensor estão implícitos no ato de perdoar. Há muitas situações em que fica difícil distinguir um do outro. Todavia, o bom senso sugere-nos que devemos ser tolerantes para com as faltas alheias, pois somos passíveis de incorrer nas mesmas. Por isso, ao ultraje que consideremos grave, sopesemos o móvel de tal juízo. Como saber o que passa no íntimo do nosso próximo? Que problemas complexos o fizeram agir desta ou daquela forma? Será que não fomos o primeiro a atirar a pedra?

A vida de Mahatma Gandhi é um exemplo de perdão, embora tenha dito que nunca precisou perdoar, porque achava que nunca ninguém o tinha ofendido. É um caso raro, porque a maioria de nós vive enovelado no ego material. Por essa razão o poeta Alexandre Pope disse: "Errar é humano, perdoar é divino". Para que não tenhamos necessidade do perdão, basta que o eu divino liberte-se do eu mundano, ocasião em que as coisas terrenas não terão forças para corromper as espirituais.

É fácil esquecer as ofensas e amar os inimigos? Como adquirir forças para vencer os ultrajes? A reflexão sobre a morte do Cristo é de inestimável ajuda. Jesus, que nada tinha de expiar, sofreu macerações acerbadas para dar-nos o exemplo do perdão incondicional. Por outro lado, lembremo-nos da dupla recompensa reservada, no além túmulo e nesta existência, para aquele que soube sacrificar-se por amor ao próximo.

Tenhamos em mente que o perdão deve estar sempre presente em nossos pensamentos, pois é através dele que vamos conseguindo adquirir forças espirituais para a remoção de todo o mal que envolve o planeta terra.

Fonte de Consulta

IDÍGORAS, J. L., Padre, S. j. *Vocabulário Teológico para a América Latina*. São Paulo, Edições Paulinas, 1983.

Abril/1997

A PIEDADE

Piedade é um termo usado em duplo sentido: 1) devoção e respeito por pessoas ou coisa dignas de veneração; 2) compaixão, dó, pena. Neste último sentido, reflete, muitas vezes, um sentimento passageiro que leva a palavra ou gestos sem valor real. Podemos, por exemplo, dar pêsames a uma viúva sem, contudo, compartilhar da sua dor. Reflitamos, pois, sobre este tema.

A piedade é a precursora da caridade. Em realidade, a piedade origina-se de um sentimento de compaixão para com o próximo. O ser humano, quando tem por princípio a piedade, se entenece da dor alheia: esquece-se de si mesmo e dedica-se totalmente à satisfação das necessidades alheias. Para tanto, coloca em prática o "amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a si mesmo". Pode-se dizer que a piedade é o princípio, o ensejo, o desejo de praticar uma boa ação. Quando da sua execução, transforma-se em caridade. Por isso, são consideradas irmãs.

A piedade mostra o grau de evolução do ser humano; é a virtude que mais nos aproxima dos anjos. Ela é a simpatia espontânea e desinteressada que se antepõe à antipatia gratuita ou despeitosa. O ser, possuidor desta excelsa virtude, jamais pede alguma coisa e distribui tudo quanto possui. Por isso, os amigos espirituais estão sempre nos convidando a deixar o nosso coração se enternecer diante das misérias e sofrimentos alheios, e mesmo nascendo ao lado infelicidade, tira-nos o vazio dos gozos terrestres.

O Divino Messias praticou-a com galhardia. Ele nos ensinou o amor-abnegação e o amor-sacrifício. Se todos os povos retornassem aos tempos da pureza primitiva do Evangelho, a Terra seria um planeta em que a felicidade jorraria por todos os lados, porque cada ser humano agiria com concórdia e paz para com o seu irmão. Ao mesmo tempo, teriam sempre inspirações para domar o egoísmo e o orgulho. A sua prática, longe está de causar aborrecimentos, pois ao revitalizarmos o ânimo de um irmão infeliz, é a nós mesmos que estamos revitalizando.

Dizemo-nos seguidores do Cristo. Contudo, para que se efetive tal procedimento, devemos imitar os exemplos de Jesus. Algumas situações contraditórias: ajudo, mas este homem é viciado; atenderei, entretanto, essa irmã é cruel; compadeço-me, todavia, esse irmão é ingrato. O Espírito Emmanuel diz-nos que a verdadeira piedade é filha legítima do amor. Não perde tempo na identificação do mal. Interessa-se excessivamente no bem para descurar-se dele em troca de ninharias. Acrescenta: "Ninguém guarde a presunção de elevar-se sem o auxílio dos outros; embora não deva buscar a condição parasitária para ascensão".

O que nós sabemos foi extraído de alguém que já passou por este Planeta antes de nós. Por isso, devemos sempre nos colocar numa situação de humildade frente a todos os acontecimentos da vida. Esta é a verdadeira piedade para com o nosso próximo.

Agosto/2005

PERSUASÃO E NECESSIDADE

Cada um de nós, que vive neste mundo de provas e expiações, tem sua cota de sofrimento. Por isso, jamais pensemos que a nossa dor seja maior do que a do nosso vizinho. "As aparências enganam", diz o anaxim. Assim, nem sempre aquele que está com o sorriso nos lábios, é o mais feliz dos mortais. Muitas vezes está passando por dissabores, penúria e falta do necessário para a sua sobrevivência.

Os homens, de maneira geral, apressam-se a dizer não ante uma solicitação que lhes traga dificuldade. Confiam, desconfiando da intenção do próximo. Não nos desesperemos quando isso ocorrer conosco. Lembremo-nos, porém, de que toda a idéia contrária é salutar, porque obriga o nosso interlocutor a pensar naquilo que lhe foi proposto. A Psicologia Social ensina-nos que as idéias não são aceitas de um modo incontinenti; elas precisam de tempo para maturar, tomar corpo e mudar o paradigma.

A civilização, pela sua própria complexidade, amplia sobremaneira a necessidade humana, pois está sempre oferecendo novos bens, tanto material quanto espiritual. Isso estimula cada vez mais o desejo de consumir. Nesse sentido, diz-se que a necessidade é maior força propulsora do progresso, pois de maneira alguma ela está separada do trabalho. Quer dizer, temos o desejo, o estímulo; para consegui-lo, desde que honestamente, precisamos de fazê-lo através da prática de uma profissão, seja de que espécie for.

É possível sermos diferentes do que somos? É uma pergunta que requer certa dose reflexão. Por mais que queiramos mudar a nossa rota, acabamos percorrendo os caminhos que deveríamos percorrer. O que Deus reserva para um, nenhum outro homem pode usufruir. Parece que fica algo martelando em nosso subconsciente, tal qual uma missão, um dever a ser cumprido. E por mais penosos que sejam os dias e as noites de espera, o coração indica a certeza de vitória no final do tormento.

No versículo do Evangelho está escrito: "Aquele que perseverar até o fim será salvo". A persuasão e a necessidade são dois deuses que orientam os nossos destinos. A necessidade impõe uma ação, ação de um impulso de nosso cérebro, de nossa vontade para dar continuidade ao caminho, mesmo estando com "os pés cansados e os joelhos desconjuntados". O fim não é o término, mas o objetivo, a meta a ser conseguida pela pureza da consciência.

Estabeleçamos os nossos planos. Por maiores que sejam as nossas dificuldades, urge continuarmos, porque retroceder é perder a oportunidade de iluminação do Espírito imortal.

Outubro/2003

PRECE

Prece – do lat. *prece* – significa rogo e, por extensão, pedido instante; súplica. É o orvalho divino que aplaca as nossas chagas mais íntimas. Pela prece pomonos em relação com Deus para um pedido, um agradecimento ou um louvor. A prece, enfim, resume todas as nossas aspirações humanas e divinas.

Filosoficamente considerada, a prece traduz-se por um ato espontâneo de adoração ao Criador. A naturalidade da oração nota-se no fato de que a oração é elemento latente na vida de todos. As fundamentações em torno da prece podem ser encontradas nas perguntas 653 a 666 de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. O codificador do Espiritismo propõe, entre outras, as seguintes questões: Qual o caráter geral da prece? A prece torna o homem melhor? Podemos pedir eficazmente o perdão de nossas faltas? As preces que fazemos por nós mesmos podem modificar a natureza das nossas provas e desviar-lhes o curso?

Cientificamente considerada, a prece traduz-se por uma comprovação positiva do seu efeito. O médico-cirurgião Alexis Carrel, em seu livro *A Oração - Seu Poder e Efeitos*, diz-nos que é difícil separar a ação curativa do remédio do efeito curativo da oração. Contudo, regozija-se com o paciente que ora, porque em suas observações notou que ele facilita o processo de cura. Allan Kardec, no cap. XXVII de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, discorre sobre a ação da prece. Esclarece-nos que pela nossa vontade podemos atuar sobre o fluido universal e provocar os "milagres", que nada mais são do que uma extrema aceleração dos processos normais de cura.

Religiosamente considerada, a prece traduz-se pela elevação moral da criatura. Pode, também, estar envolta com aquela súplica: "Senhor, ensina-nos a orar". Liga-se a um sentimento de caridade, quando colocamo-nos à disposição dos bons Espíritos para orarmos por nós mesmos ou pelos outros. Nesse sentido, podemos orar para pedir força de resistir a uma tentação, para pedir um conselho, por alguém que esteja em aflição, por nossos inimigos, por um agonizante etc.

A divisão filosófica, científica e religiosa é apenas didática. Na prática, deveríamos vê-la num todo. Quer dizer, o ato de adoração deve ser questionado e analisado sob esses três ângulos, conjuntamente. Dessa forma: Estamos orando como os fariseus, que gostam de ser vistos? Nossos impulsos dirigidos ao Alto são puros e necessários? Pomos uma dose de razão ao sentimento de súplica?

A prece, como vimos, constitui emissão eletromagnética de relativo poder. Empenhamo-nos, pois, em fortificar a nossa fé, a fim de que as nossas emissões sejam cada vez mais poderosas.

Dezembro/1996

POBRE DE ESPÍRITO

Pobreza – do lat. *paupertas* - significa falta do necessário à vida. Confunde-se, em geral, com **miséria**, em que há falta até do essencial. Na pobreza, há carência do relativamente supérfluo. Diz-se relativamente porque a pobreza em um estado pode ser miséria em outro, e o que é supérfluo a uns pode ser já o necessário para outro.

No vocabulário cristão, a palavra pobreza tem uma ambigüidade que é preciso esclarecer. Em primeiro lugar, ela pode representar a **simples carência de bens**. Em segundo lugar, está relacionada com a passagem evangélica, em que Jesus diz: "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus". (Mateus, cap. V, v. 3). O sentido de "pobres de espírito" ou "pobres em espírito" é muito discutido. Não significa desapego, mas refere-se às classes humildes, cujo espírito é oprimido pela necessidade e pelo abatimento.

O caráter revolucionário dessa afirmação não deve ser menosprezado: é uma resposta implícita à arrogância dos fariseus. A maldição da pobreza é substituída pela bem-aventurança, que excede toda a riqueza. O termo não significa que apenas os pobres entram no reino do céu, mas também os pobres. É, assim, uma avaliação positiva da pobreza e não uma crítica negativa da riqueza.

A pobreza pregada por Jesus é uma atitude de livre escolha com relação aos bens espirituais. Difere fundamentalmente da carência de bens materiais. No seu sentido mais profundo, é a aderência do crente à vontade do Criador, a resignação ante os revezes da fortuna, a simplicidade de coração, a pureza dos sentimentos, ou seja, a ingenuidade da alma, que se assemelha à criança.

Simplicidade de coração e humildade de espírito são as molas propulsoras de nosso progresso espiritual. Nesse sentido, o ignorante que possui essas qualidades será preferido ao sábio que as desdenha. É que para alcançarmos o reino do céu devemos crer mais na Providência Divina do que em nós mesmos. Dessa forma, Jesus aproveitava todas as suas oportunidades para exaltar a humildade, que nos aproxima de Deus, e combater o orgulho, que nos distancia Dele.

Não nos abatamos quando formos menosprezados e taxados de "pobres em espírito". O importante é crescermos em humildade e simplicidade de coração.

Dezembro/1996

PRAZER E DOR

Prazer e dor são logicamente indefiníveis. Prazer e dor são qualitativamente diferentes, embora se identifiquem na mesma raiz da sensibilidade. São conceitos de um estado psíquico *sui generis*, irreduzível a qualquer outro, estado de que podemos, tão só, procurar as condições mentais ou fisiológicas.

Em cada um dos instantes da vida psicológica há prazer ou dor e, as vezes, prazer e dor. Um não se torna o outro, portanto, o outro; um atualiza e virtualiza o outro. Deve-se convir que a dor está sempre no prazer, e vice-versa. Quando atualizamos o prazer, a dor fica no estado de virtualidade; ao contrário, quando atualizamos a dor é o prazer que se virtualiza. Esta concepção dialética evita inúmeras polêmicas, principalmente entre os pessimistas e os otimistas.

O **prazer** não deve ser confundido com a **alegria** e a **felicidade**.

A **alegria** apresenta sempre um caráter total, quer dizer, que se estende todos os conteúdos da consciência. Está em nós e por nós. A alegria distingue-se do simples prazer pela **idéia**, quer dizer, a **plena consciência** que a ela se acrescenta. Quanto à **felicidade**, distingue-se pelo fato da felicidade ser um estado de satisfação completa, que toma conta de toda a consciência, tanto em extensão, quanto em intensão e duração.

É o prazer uma forma de distração? A procura da distração causa prazer. Isso é um fato. Mas, a busca do prazer causa distração? A civilização industrial, na atualidade, criou uma fatalidade: sociedade de consumo. O homem do povo pouco tem a dizer com relação às fórmulas de uma técnica administrativa imposta como um fatalismo, que é necessário aceitar. Resta-lhe uma válvula de escape, ou seja, a busca do prazer como distração.

O prazer, porém, não livra o homem do estado de angústia, apenas o distrai. Há uma diferença fundamental entre as pessoas que se sacrificam por um ideal e as que meramente buscam o prazer. O prazer, nesse sentido, é como um atordoamento do espírito, uma fuga, e não a atualização de nossas potencialidades. Criatividade e liberdade ofuscam-se ante o brilho das inovações tecnológicas.

Não nos meçamos pelos outros. Estejamos inteiros naquilo que estivermos fazendo. Somente assim viveremos prazerosamente cada instante de nossa existência terrena.

Fonte de Consulta

MENDONÇA, E. P. de. *Filosofia dos Erros: Um Olhar Sobre a Vida que Passa*. Rio de Janeiro, Agir, 1977.

Outubro/1997

QUEIXA E SOLUÇÃO

A **queixa**, entendida como manifestação de dor ou pesar, é assaz pertinaz nos dias que correm. Há queixas e queixas. O presente estudo tem por objetivo discutir as queixas inexistentes, quando submetidas à luz da razão.

A repetição do ato cria o hábito. Pavlov, fisiologista russo, ao estudar os reflexos condicionados nos cães, abre-nos a mente para a compreensão de

nossas lamentações. Pavlov associava um sinal luminoso à oferta de carne ao cão. Depois de algumas repetições, suprime o alimento, mantendo apenas a luminosidade. Conseqüência: o cão emitiu suco gástrico, ou seja, agiu de acordo com o reflexo condicionado. Para nós, o sinal luminoso seria a **dificuldade** e o reflexo condicionado a **reclamação**.

Passamos o dia lamentando. É a preguiça de pular da cama à hora marcada, a dor de cabeça que nos incomoda, a falta de dinheiro, o desemprego, a ingratidão dos amigos, o ódio dos inimigos, o aparecimento de rugas etc. Se continuarmos, a lista aumenta sobremaneira. Mas, perguntamos: temos consciência dessas queixas? Estamos fazendo algo para removê-las? Ou aceitamos pacificamente as injunções do meio?

Não se queixe, solucione. O primeiro dos requisitos é tomar consciência do problema apresentado. De posse dos dados, enveredar por um caminho, o mais coerente possível, mesmo contrariando a nossa inércia. Se o problema é a falta de dinheiro, busquemos o trabalho remunerador; se uma doença, o médico especialista. Regulemos, também, os vãos da imaginação, pois debilitam o nosso ser, incapacitando-nos para os esforços adicionais.

O acaso não existe. Estamos colocados no devido lugar para a resolução de nossos problemas. Devemos, assim, administrar racionalmente as nossas dificuldades, no sentido de alocarmos equilibradamente a nossa energia vital. Lembremo-nos de que acima de nós há uma inteligência suprema dirigindo todas as nossas ações. Convém, para o nosso bem, fortificar dia-a-dia essa confiança.

Tomemos a decisão de não nos queixarmos. Procuremos, pelo contrário, a solução que a situação requeira. Somente com esse vigor conseguiremos modificar as predisposições automatizadas de nosso caráter.

Julho/2000

REFLETORES DA VONTADE DIVINA

A Vontade Divina pode ser entendida como a obediência à Lei de Deus, inscrita na consciência de todos os viventes. Refletir a Vontade Divina é nos colocarmos como um espelho, ou seja, quando alguém se depara conosco percebe, imediatamente, o que de nós está sendo irradiado. Assim, não é tanto o que sabemos, mas a maneira como estamos usando o conhecimento adquirido. Em outras palavras, para refletirmos a Vontade Divina, devemos nos esforçar para conformar a nossa vontade à de Deus.

A reflexão da Vontade Divina, como dissemos acima, assemelha-se a um espelho. Por decorrência, o espelho assemelha-se à mediunidade, ou seja, o meio de transmissão dos conhecimentos vindos do Pai Celestial. E como todos

somos médiuns, pois todos somos passíveis de receber a influência dos Espíritos superiores, todos podemos expressar a vontade de Deus junto aos nossos semelhantes. Basta que tenhamos a disposição de nos aproximarmos de suas leis.

Há muito tempo que se faz confusão entre **conhecimento e virtude**. Todos tiram de Sócrates a assertiva de que o conhecimento gera a virtude. Mas será isso uma verdade? Se assim fosse, não haveria tantos letrados e bacharéis praticando injustiça. Observe o número de artigos, divulgado na mídia, criticando a conduta de advogados que defendem as pessoas envolvidas com o narcotráfico. Paralelamente, quantas não são as pessoas simples, sem cultura e que tem um senso mais exato do que seja o justo e o injusto. Alguns chegam a dizer: "Fez uma faculdade para roubar os outros".

Os atos da vida de Cristo devem ser o principal referencial para melhor refletir a Vontade Divina. Jesus reencarnou neste planeta de provas e expiações para salvar a humanidade; para isso, não hesitou em praticar a humildade logo no seu nascimento: veio à luz numa estrebaria, cercado de animais. Na sua infância, apesar de todo o poder de sua inteligência, exercitou-se como carpinteiro na oficina de seu pai José. E o que ele passou em seu pouco tempo de apostolado? Zombaria, vexame e morte na cruz. Tudo para nos mostrar o caminho que nos conduz à verdade.

Pensamentos sadios, coração puro, autenticidade de nosso proceder e paciência em todos os lances da vida facilitam a percepção das boas inspirações para a prática do bem. Observemos o ensinamento de Jesus: "Ao que muito foi dado, muito será exigido, e mais lhe será acrescentado". Quer dizer, à medida que avançamos no pedregoso caminho da evolução espiritual, o Mestre vai nos descortinando novos campos de atuação e responsabilidade.

Tenhamos confiança na Divina Providência. Quem sabe não fomos nós os escolhidos para disseminar a Boa Nova no meio dos incrédulos? Tenhamos determinação e esperemos por novas oportunidades de crescimento espiritual.

Abril/2003

O REINO DE DEUS

O **Reino de Deus**, segundo o Catolicismo, é uma realidade misteriosa cuja natureza só Jesus pode dar a conhecer. De acordo com o Espiritismo, é estado de sublimação da alma, criado por ela própria, através de reencarnações incessantes.

Tanto no Antigo como no Novo Testamento há alusão ao **reino de deus**. No Velho Testamento, desde a época da instalação de Israel em Canaã, lavé é reconhecido como seu Rei e, mesmo depois da queda da monarquia, pensava-se ainda na realização do reino de deus nos fins dos tempos. No Novo Testamento, Jesus interpreta-o sem o caráter de nacionalismo, reservado

somente aos descendentes de Abraão, mas como a grande esperança na vida futura e a transcendência pelo qual importava sacrificar tudo na terra, inclusive a própria vida.

No que tange à **fundação do Reino de Deus**, o diálogo entre Hanã e Jesus, anotado pelo Espírito Irmão X, no livro *Boa Nova*, psicografado por F. C. Xavier, é bastante esclarecedor. Estando Jesus em Jerusalém, Hanã, sacerdote, dirigiu-se a ele e lhe perguntou o que fazia na cidade? Jesus respondeu-lhe que buscava a fundação do Reino de Deus. — Reino de Deus, em tuas mãos, e o que vem a ser isso? — tornou o sacerdote. — Esse Reino é obra divina no coração dos homens! — esclareceu Jesus. — Obra divina em tuas mãos? — revidou Hanã, com desprezo. Continuando a conversa, as perguntas de Hanã eram sempre respondidas com firmeza e tranqüilidade por Jesus. Daí a algum tempo, na cercanias de Cafarnaum, Jesus escolhe os seus 12 apóstolos.

Vasculhando o Novo Testamento, único alicerce dos ensinamentos de Jesus, encontramos alguns textos sobre o assunto: "Buscai primeiro o Reino de Deus e sua justiça." (Mateus, 6, 33); "O reino de Deus não vem com aparência exterior." (Lucas, 17, 20); "O Reino de Deus está no meio de Vós." (Lucas, 17, 21); "Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo algum entrareis no Reino dos Céus." (Mateus, 5, 20); "Aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus." (João, 3, 3). O Espírito Emmanuel, ao comentar esses versículos, incentiva-nos a buscar infatigavelmente a sublimação de nossa alma imortal.

A pregação evangélica de Jesus norteia-nos para o desprendimento dos bens materiais. Contudo, nós, os seres humanos, por interesse, ignorância ou má-fé, distorcemos o real significado desses ensinamentos. Disto resulta o desejo desenfreado pelo *ter* ao invés do *ser*. Quer dizer, passamos a avaliar o outro muito mais pelo que tem do que pelo que é. Não importa como adquiriu a sua riqueza, se foi justa ou injusta. Importa que tendo *status* ele é algo. Daí advém o êxito dos livros de auto-ajuda, pois eles incentivam o individualismo e o consumismo como condição básica para a realização pessoal.

Saibamos, pois, sacrificar os nossos gostos, os nossos interesses pessoais em prol da edificação do reino de Deus em nossos corações. Não nos deixemos enganar pelos sofismas dos pensamentos da atualidade.

Abril/2001

RESSURREIÇÃO E REENCARNAÇÃO

Ressurreição – do lat. *ressurrectione* – significa ato ou efeito de ressurgir, ressuscitar. Segundo o Catolicismo e o Protestantismo, retorno à vida num mesmo corpo. **Reencarnação** (de **re** + **encarnação**) representa a volta do Espírito à vida corpórea, mas num outro corpo, sem qualquer espécie de ligação com o antigo.

João Batista e Nicodemos são as personagens centrais do debate em torno da ressurreição e da reencarnação. Quanto a João Batista, os doutores da lei confundiam-no com a ressurreição de Elias. Em realidade, João Batista foi a reencarnação de Elias. Quanto a Nicodemos, retratemos o seu diálogo com Jesus. Nicodemos, Senador dos Judeus, pede instruções ao Mestre. Este lhe responde: Em verdade, em verdade vos digo: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo. Ao que Nicodemos disse: Como pode nascer um homem que já está velho? Pode ele entrar no ventre de sua mãe, para nascer uma segunda vez?

A confusão entre o conceito de ressurreição e o de reencarnação é porque os judeus tinham noções vagas e incompletas sobre a alma e sua ligação com o corpo. Por isso, a reencarnação fazia parte dos dogmas judaicos sob o nome de **ressurreição**. Eles acreditavam que um homem que viveu podia reviver, sem se inteirarem com precisão da maneira pela qual o fato podia ocorrer. Eles designavam por **ressurreição** o que o Espiritismo, mais judiciosamente chama reencarnação.

A ressurreição segundo a idéia vulgar é rejeitada pela Ciência. Se os despojos do corpo humano permanecessem homogêneos, embora dispersados e reduzidos a pó, ainda se conceberia a sua reunião em determinado tempo; mas as coisas não se passam assim, uma vez que os elementos desses corpos já estão dispersos e consumidos. Não se pode, portanto, racionalmente admitir a ressurreição, senão como figura simbolizando o fenômeno da reencarnação.

O princípio da reencarnação funda-se, a seu turno, sobre a justiça divina e a revelação. Dessa forma, a lei de reencarnação elucida todas as anomalias e faz-nos compreender que Deus deixa sempre uma porta aberta ao arrependimento. E para isso, Deus, na sua infinita bondade, permite-nos encarnar tantas vezes quantas forem necessárias ao nosso aperfeiçoamento espiritual, utilizando-se deste e de outros orbes disseminados no espaço.

Desfaçamos a confusão entre ressurreição e reencarnação. A reencarnação nada mais é do que a "ressurreição" do Espírito, porém em um corpo diferente do antigo.

Junho/1996

SEMEADORES DO EVANGELHO

*"Não percebeis esta parábola? Como pois entendereis todas as parábolas?"
(Marcos, 4, 13)*

A parábola do semeador é a parábola das parábolas, porque traz no seu bojo os vários tipos de solo (pedregoso, espinhoso, pantanoso e fértil) que correspondem à evolução espiritual alcançada por cada um de nós. Se tanto a multidão curiosa quanto os discípulos não a tinham entendido, como poderiam entender as demais? Não a entenderam porque lhes faltavam os fundamentos espirituais necessários para tal percepção. E isso não se constrói da noite para o dia.

A trave mestra desta parábola é o alcance do reino dos Céus; os seus elementos são: semeador, semente e solo. O semeador e a semente são constantes. O que varia são os solos. O trabalho do semeador é colocar a semente no solo; a sua identidade pessoal é pouco relevante: nada nos é dito sobre sua personalidade e os seus méritos pessoais. Ele simplesmente coloca a semente na cova. A colheita depende da combinação do solo com a semente. O semeador deveria seguir a recomendação de Paulo: "Eu plantei, Apolo regou, mas o crescimento veio de Deus. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus que dá o crescimento". (1 Coríntios, 3, 6 e 7)

Em muitas pregações, nos dias atuais, o semeador tornou-se figura principal; conseqüentemente, a semente ficou esquecida. No início do cristianismo, contudo, não foi assim: o que valia era a semente. Observe que para angariar novos adeptos, os propagadores das religiões valem-se de todo o tipo de estímulo: festas, canto, esportes, bandas etc. O nosso trabalho é semear a boa semente e não fazer proselitismo. Às vezes, uma única semente que frutifica no coração humano vale mais do que mil outras que foram plantadas através dos divertimentos. Lembremo-nos de Paulo de Tarso: a semente que vivificou nele foi extremamente frondosa para o Cristianismo.

O Espírito Emmanuel, no capítulo 64 do livro *Fonte Viva*, esclarece-nos: 1) o semeador não deve agir, através do contrato com terceiras pessoas, e sim que ele mesmo deve sair para semear; 2) o servidor do Evangelho é compelido a sair de si próprio, a fim de beneficiar corações alheios; 3) o propagador da boa-nova é convidado a desintegrar o velho cárcere do "ponto de vista" para se dedicar ao serviço do próximo; 4) o expositor doutrinário deve aprender a retirar-se da escura cadeia do "eu" e excursionar através do grande continente denominado "interesse geral".

Jesus, o grande semeador do Evangelho, fez analogia com a vida cotidiana. Há, contudo, um ponto onde a analogia termina: o solo da natureza segue as leis físicas; o solo do coração, as leis da razão e do sentimento. Quer dizer, um coração içado no espinheiro pode ser modificado, pode ser transformado num solo produtivo. Basta que esta ovelha desgarrada se conscientize que deve mudar o seu rumo na vida. Eis o trabalho do semeador: despertar as almas que dormem.

Janeiro/2007

A SEMENTE E O SEMEADOR

Jesus, quando esteve encarnado, deixou-nos o ensinamento evangélico contido na "Parábola do Semeador". Na sua exposição, salienta os quatro tipos de semente: a que caiu na *beira da estrada*, a que caiu entre os *pedregulhos*, a que caiu nos *espinheiros* e a que caiu em *terra boa*. Cada tipo semente denota um tipo de estado espiritual do ser humano. Em outra oportunidade, fala que "A

semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória". É sobre esta frase que pretendemos fazer uma pequena reflexão.

A semente é sinônima de germe, ou seja, aquilo que dá origem a alguma coisa. De posse de uma semente qualquer, podemos antever a árvore e os seus frutos. O grão de mostarda, por exemplo, a menor das sementes, dá a maior das árvores. Podemos, também, fazer um raciocínio inverso, ou seja, olhando o fruto, podemos dizer como é a semente. Jesus sempre dizia que não é pela aparência, pela exuberância da árvore que se deve julgar a árvore, mas pelos seus frutos. Se os frutos forem bons, a árvore também o será.

Graças à germinação, a semente dá origem a uma nova planta. Após a maturação, toda a semente passa por um período de vida latente, durante o qual pode germinar, desde que existam condições de calor, umidade e iluminação. Em termos de germinação, cabe lembrar que o período de vida latente é bastante variável, pois há sementes que guardam o seu poder germinativo por milhares de anos enquanto outras espécies se perdem em poucos dias. O crescimento da planta também requer cuidados especiais: a falta ou o excesso de água impede o seu perfeito desabrochar.

O que significa o **germe** no âmbito da moral evangélica? Significa as ações que estamos praticando tanto no lar quanto na sociedade. É uma espécie de semente que estamos fazendo, cujo resultado retornará para nós no futuro. Dependendo do teor da plantação, da semente, do germe, podemos ter em mente o que o amanhã nos aguarda. Poder-se-ia perguntar: estamos sendo justos e caridosos para com o nosso próximo, ou estamos criando embaraços para aqueles que estão a caminho conosco? Dependendo da resposta, é isso que teremos no porvir.

E quanto à germinação? Esta frutificará, quer queiramos ou não. Uma vez lançada, a semente se desenvolverá obrigatoriamente. Como vimos acima, há sementes de germinação mais lenta. Mas isso não quer dizer que deixará de frutificar. Nesse caso, se estamos plantando e não estamos vendo o resultado da germinação, esperemos um pouco mais, pois a seu tempo ceifaremos se não houvermos desfalecidos. Geralmente, para as coisas mais graves e de maior repercussão, é necessário um maior tempo de maturação, no sentido de que a árvore não seja derrubada por qualquer sopro.

Tenhamos confiança nas palavras de Jesus. Por pior que seja a dificuldade, busquemos o amparo dos bons Espíritos. Quando nos desviamos do caminho que devemos percorrer, é possível que a cruz fique ainda mais pesada.

Fevereiro/2004

SUSTENTO E VESTIMENTA

"Tendo, porém, sustento e com o que nos cobrirmos, estejamos

com isso contentes". – Paulo (I Timóteo, 6,8)

A reação pessimista vem sempre antes da otimista. Numa família, quando um dos seus membros se atrasa, os outros logo começam a conjeturar: deve ter acontecido algum acidente, seqüestro, assalto. Pensar que essa pessoa teve problema com o serviço, que precisou atender a um compromisso extra ou que o trânsito estava horrível, fica sempre para segundo plano. A primeira reação é sempre a catastrófica.

A sustentação da vida segue o mesmo raciocínio. Perguntamos: Terei alimento no dia seguinte? Poderei comprar mais roupas? Conservarei um teto para me abrigar? Se não exercitamos nenhuma atividade que nos traga rendimentos financeiros, as agruras aumentam substancialmente. Nesse estado de grande estresse, olhamos para o alto e dizemos: "Deus se esqueceu de mim; Ele pouco está ligando para o meu sofrimento". Contudo, no momento oportuno, o auxílio oculto chega-nos como um passe de mágica.

Em qualquer momento de desespero, podemos acionar a nossa química mental da felicidade. Para isso, basta sempre esperarmos o melhor, apesar das asperezas do caminho. À falta de recursos financeiros, lembremo-nos dos exercícios de humildade aos quais somos impelidos. Se os recursos fossem abundantes, talvez não teríamos desenvolvido a criatividade, não teríamos usado o cérebro para economizar. A limitação financeira impõe-nos uma adaptação à necessidade, cortando tudo o que for supérfluo.

A lamentação de nossa encarnação presente não o encurta o caminho a percorrer. Podemos pedir ajuda aos benfeitores espirituais, mas a recomendação deles é que procuremos andar com as nossas próprias pernas. A posição que nos encontramos é a melhor que há para a evolução do nosso Espírito. Cabe-nos, sim, retirar as pedras do caminho e avançar. Às vezes, a concretização de um desejo faz-nos desviar do rumo, pois tão logo obtemos o desejado, os compromissos sociais acabam roubando-nos o tempo que poderia estar sendo usado para o cultivo de nossa alma imortal.

Precisamos de muita fibra para permanecer junto ao nosso centro, ao redor do nosso eu. Se temos poucos recursos, começamos a invejar aquele que tem mais do que nós. Jesus foi peremptório quando disse: "Sê tu mesmo, desenvolva a tua personalidade". Essa deve ser a nossa grande tarefa. Por que invejar o poderoso, o letrado, o escritor de livros? Verifiquemos, em primeiro lugar, se estamos cumprindo com os nossos deveres, porque de acordo com a exortação evangélica, todos somos ovelhas de um mesmo pastor.

Por pior que seja a nossa existência, estejamos contentes. Quem sabe se essa atitude mental não modificará o quadro material e espiritual de nossa experiência futura?

Novembro/2005

TOLERÂNCIA

Tolerância – do latim *tolerantia*, do verbo *tolerare* que significa suportar. É uma atitude de respeito aos pontos de vista dos outros e de compreensão para com suas eventuais fraquezas. Esta palavra está ligada a outros termos afins: paz, ecumenismo, diferença, intersubjetividade, diálogo, alteridade, não violência etc. Pergunta-se: será que tratamos o nosso próximo da mesma forma que gostaríamos de ser tratados? Somos severos para com os outros e indulgentes para conosco ou severos para conosco e indulgentes para com os outros?

A **intolerância religiosa** foi, no processo histórico, a maior causadora das guerras entre nações. Nesse mister, o próprio catolicismo demorou muito a respeitar o pluralismo das diversas crenças. Foi somente no Concílio Vaticano II que deixou claro: 1.º) a tolerância religiosa não se baseia no falso princípio de que todas as religiões sejam verdadeiras, mas no princípio da liberdade de consciência; 2.º) esta não dispensa ninguém do dever fundamental de fidelidade à verdade, isto é, não significa que se pode mudar de religião como se muda de roupa, mas significa que a aceitação de uma fé é um ato soberanamente livre e espontâneo da consciência.

O dilema dos limites da virtude da tolerância pode resumir-se em dois princípios: "*Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti*" e "*Não deixes que te façam o que não farias a outrem*". O **comodismo** que norteia os nossos passos é o grande obstáculo para o não cumprimento desta virtude. Quantas não são as vezes que dizemos sim a um convite quando, com razão, deveríamos ter dito não, por faltar-nos a coragem de dizer que aquilo não faz parte de nosso projeto de vida.

A Lei de Justiça, Amor e Caridade ajuda a compreender a tolerância. Segundo o entendimento desta lei, a justiça, que é cega e fria, deve ser complementada pelo amor e pela caridade, no sentido de o ser humano conviver pacificamente com o seu próximo. Observe alguém, sem recursos financeiros, jogado ao sofrimento, como conseqüência de atos menos felizes do passado. Há justiça divina, porque nada ocorre por acaso. Mas o amor e a caridade dos semelhantes podem mitigar a sua sede e a sua fome.

A base da tolerância está calcada na figura de Cristo. Foi Ele que nos passou todos os ensinamentos de como amar ao próximo como a nós mesmos. Ele nos deu o exemplo, renunciando a si mesmo em favor da humanidade. Fê-lo, sem queixas e sem recriminações, aceitando sempre as determinações da vontade de Deus e não a sua. Em suas prédicas alertava-nos que deveríamos ser severos para conosco mesmos e indulgentes para com o próximo, e não o contrário.

Há um limite para a tolerância. Não deixemos que os outros nos façam o que não faríamos a eles. É preferível ter todo mundo contrário a ver Jesus ofendido.

Setembro/2004

UMA ÚNICA COISA

"Por que perambulas assim, homem, buscando muitas coisas? Busca uma apenas na qual estão as demais, e deixarás de perambular".

Santo Agostinho

Para que avancemos no caminho da evolução espiritual é preciso ter a cabeça nas nuvens – para receber inspirações –, e os pés no chão – para colocar em prática tais idéias. Para isso, convém fixar o nosso pensamento num único objetivo, deixando que tudo o mais convirja para este ponto central.

A divulgação na mídia, escrita e falada, dos feitos dos grandes homens pode nos trazer alguns transtornos emocionais, caso não estejamos produzindo semelhante a eles. Pergunta-se: por que essa preocupação? Por que nos compararmos aos outros? Talvez seja interessante treinarmos o nosso pensamento na aceitação daquilo que a Divina Providência nos reservou. Lembremo-nos da advertência de Jesus: "Sê tu mesmo, desenvolva a tua personalidade".

Construamos o nosso destino seguindo Jesus Cristo. O que ele quer de nós? Ele quer que estejamos envoltos com os interesses materiais ou com os interesses espirituais? Será que obtendo posição de destaque, bom emprego e posses materiais, estaríamos cumprindo a contento os deveres de ordem espiritual? Eis a questão. Na Bíblia há um provérbio que diz: "todas as coisas são difíceis: os olhos não se cansam de ver; nem os ouvidos se cansam de ouvir". A busca de um ponto mais alto merece todo esse sacrifício pessoal.

Se, apesar de todas as dificuldades, mantivermos o nosso objetivo em mente, andaremos muito mais depressa do que aqueles que correm sem rumo. Não é por crescer em poder que o falso se tornará verdadeiro. O êxito seguro não é de quem o assalta, mas de quem sabe esperar e se preparar para ele. E não resta dúvida de que as inspirações dos Bons Espíritos, dos amigos pertencentes ao outro plano da vida podem nos ajudar sobremaneira. Basta que tenhamos olhos de ver e ouvidos de ouvir.

Observe o desejo de possuir um bem material, como por exemplo, o automóvel. Comparativamente aos que o possuem, poderíamos nos sentir inferiores, desprezados e frustrados. Contudo, se olharmos de um outro ponto de vista, teremos um pequeno consolo. Sem o automóvel, somos obrigados a andar a pé, de ônibus ou de metrô. E não é justamente isso o que os ecologistas nos sugerem para diminuir o grau de poluição do ar? Saibamos usar sem abusar e concordar com o que Deus nos enviar. Tendo sustento, e com o que nos cobrirmos, estejamos contentes.

Tendo em mente a evolução do Espírito, há um realinhamento de atitudes, desde o simples gesto para com o semelhante até o uso dos recursos naturais renováveis.

Abril/2003

VERDADE E LIBERDADE

"Dizia então Jesus aos judeus que nele acreditavam: *se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos, conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*. Eles responderam-lhe: nós somos a descendência de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém: como é que tu dizes: ficareis livres. Jesus respondeu-lhes: em verdade, em verdade vos digo: todo aquele que comete o pecado é escravo do pecado. Ora o escravo não fica na sua casa para sempre; o filho é que fica para sempre. Portanto, se o filho vos libertar, sereis realmente livres. (João, 8, 31-36)

O texto evangélico "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará" retrata a verdade no sentido da eliminação do "pecado". A verdade ensinada por Jesus não tem a caráter de uma especulação filosófica, em que se raciocina em termos de uma correspondência entre o sujeito e a realidade e todas as dificuldades dessa relação. De acordo com o ensinamento de Jesus, só será livre aquele que não mais pecar, aquele que não prejudicar o seu próximo, enfim aquele que praticar a lei de Deus.

O "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará" estimula-nos a procurar novas verdades, e quanto mais verdades conhecermos, mais livres seremos. Mas como devemos proceder para ampliar essas verdades? Não é fazendo o "que nós queremos", pois isso pode ter conseqüências funestas para o futuro, mas fazendo o que determina a vontade de Deus a nosso respeito. Obedecendo à vontade de Deus, evitaremos muitos males, porque Ele sabe melhor do que nós o que convém ao nosso progresso espiritual.

Espelharmo-nos em Jesus Cristo auxilia-nos a conquistar mais verdades.

Lembre-mo-nos de algumas passagens de sua vida: 1) veio ao mundo numa manjedoura; 2) teve uma infância humilde junto à carpintaria de José, seu pai biológico; 3) em toda a sua vida rendeu graças ao Pai Celestial; 4) no ambiente político, nunca desdenhou a autoridade constituída; 5) mostrou que o sábado foi feito para o homem e não homem para o sábado; 6) escolheu para o seu ministério pescadores, de pouca cultura; 7) ao ser argüido sobre o apedrejamento da mulher adúltera, responde: "Aquele que estiver em pecado que atire a primeira pedra".

Os ensinamentos de Jesus, compilados e postos no Evangelho pelos seus discípulos, elucidam-nos a respeito da luz que devemos adquirir. Paulo, por exemplo, fala que devemos ter a liberdade com que o Cristo nos libertou. Quer dizer, se seguirmos as pegadas do mestre estaremos livres do "pecado". Ele nos livrará dos males desnecessários, ou seja, daqueles que ao invés de auxiliarem a nossa libertação do jugo da carne, poderão nos fincar ainda mais na malha do crime.

Estejamos sob a égide do Mestre Jesus. Qualquer outro caminho, embora mais cômodo, tornar-se-á pesado no futuro. Suportemos a nossa sina. Esta é a

melhor maneira de nos libertarmos do erro e nos deleitarmos com a verdade
que nos liberta.

Novembro/2002